

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

COCH/UFU
Correspondência Recebida
em 29/12/05
Fátima

**“PELO BEM DO BRASIL”
A CRUZADA DOS INTEGRALISTAS NO ESTADO NOVO**

GUSTAVO FELIPE MIRANDA

3170 (c)
S. 9

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Centro
História
Campus
Av. ...
UFU

GUSTAVO FELIPE MIRANDA

**“PELO BEM DO BRASIL”
A CRUZADA DOS INTEGRALISTAS NO ESTADO NOVO**

Monografia apresentada ao Instituto de
História da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
História.

Uberlândia
2005

3370 (C)
9

GUSTAVO FELIPE MIRANDA

**“PELO BEM DO BRASIL”
A CRUZADA DOS INTEGRALISTAS NO ESTADO NOVO**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Dilma de Paula Andrade - Orientadora

Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida

Prof. Dr. Antônio de Almeida

Dedico esse trabalho a Luci
Felipe Miranda e a João Lion
Miranda (in memoriam).

Agradecimentos

A toda população brasileira que não tem o privilégio de ter acesso a uma universidade gratuita e de qualidade. A Universidade Federal de Uberlândia pelo acolhimento de um forasteiro.

A professora Dilma Andrade de Paula, pela paciência com que me orientou. Ao professor Paulo Roberto de Almeida, por aceitar participar dessa banca e por me ajudar a entender o significado da pesquisa histórica. Ao professor Antônio de Almeida, por aceitar participar dessa banca, pelas aulas ministradas e pelo exemplo de professor politicamente engajado.

A todos os companheiros do Centro Acadêmico “Com que Roupa Eu Vou”, pela tentativa de construção de uma entidade estudantil presente. Aos companheiros Daniel e Tadeu, pela amizade construída durante esses anos.

Ao meu pai, que sempre incentivou os meus estudos. À minha mãe, que me incentivou a estudar em Uberlândia, apesar da distância. A ambos pela ajuda financeira, sem ela nada seria possível. Ao meu irmão (Bruno), pela compreensão.

Especialmente à Aline, por compreender e acreditar no meu objetivo, muito obrigado por ter sido tão maravilhosa nesses últimos três anos.

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1. POR QUE CJBI?.....	15
1.1. A Revolução de 30 e o Integralismo.....	17
1.2. O Estado Novo.....	26
1.3. O Integralismo no Estado Novo.....	31
CAPÍTULO 2. NACIONALISMO OU INTEGRALISMO.....	38
2.1. CJBI, Estado Novo e o Tema da Juventude.....	43
2.2. O Integralismo Reorganizado: o argumento da DESPS.....	54
2.3. CJBI: Integralismo ou Nacionalismo.....	64
CAPÍTULO 3. O PODER MOBILIZADOR DO NACIONALISMO.....	66
3.1. A Expansão da CJBI: a concessão ao nacionalismo.....	68
3.2. O Fechamento da CJBI: o fim da concessão.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
BIBLIOGRAFIA.....	92
FONTES DOCUMENTAIS.....	97
ANEXOS.....	99

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo analisar o papel desempenhado pelo integralismo durante o Estado Novo. Para isso utilizo uma organização denominada Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, fundada por integralistas no ano de 1940. Busco compreender como esses integralistas se organizaram após a proibição do funcionamento da Ação Integralista Brasileira em dezembro de 1937.

Para a realização dessa pesquisa contei com o corpo documental localizado no APERJ (Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro) e no CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil). No APERJ, consultei o arquivo da polícia política getulista, mais precisamente o da DESPS (Delegacia Especial de Segurança Política e Social), onde a partir de dossiês produzidos por esse órgão verifiquei como os membros da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa se organizavam e o conteúdo de suas reuniões. No CPDOC, os documentos na qual tive contato se referiam a comunicações de Plínio Salgado (chefe integralista) como os seus correligionários e com Getúlio Vargas, estes me proporcionaram uma análise sobre a posição política de Plínio Salgado frente a Vargas.

Pautado nessas fontes também analisei as disputas por projetos nacionalistas e o papel da conjuntura internacional na política brasileira.

Apresentação

O início de uma monografia é sempre difícil, para muitos é o primeiro trabalho de pesquisa, por isso a primeira grande dificuldade enfrentada é a procura de um tema para pesquisa. De fato, pela própria organização das linhas de pesquisa dentro da universidade, muitos graduandos já iniciam suas pesquisas com temas pré-determinados. Desde já, informo que o tema desse trabalho não faz parte de nenhum projeto maior de pesquisa e muito menos é financiado por algum órgão de fomento.

Considero que o fato de estar vinculado a projetos de pesquisa tem seus ônus e bônus, ao mesmo tempo que o contrário, apresenta suas vantagens apesar das inúmeras dificuldades. Como entendo que a finalização dessa monografia é uma vitória só irei me referir às vantagens.

O processo de escolha do tema de pesquisa é de grande aprendizagem para o historiador iniciante, primeiramente porque nunca se acha um tema no folhear dos primeiros livros. Portanto, aprende-se e toma-se contato com muito mais do que se precisará na monografia. O segundo ponto é bem simples e está relacionada a livre escolha do tema de interesse, contudo em tempos de currículos pouco flexíveis, a simples escolha do objeto pesquisado se torna, em alguns casos, a única grande escolha do aluno de história na universidade, e por isso não deve ser descartada.

Após essa etapa, que de forma alguma é definitiva, segue-se a etapa de viabilidade da pesquisa, como esta última está ligada inalienavelmente a possibilidade de contato com as fontes, o tema pode ser mudado pouco depois de escolhido. No meu caso específico posso dizer que não modifiquei meu tema devido a falta de fontes, apenas fui obrigado a redirecionar o recorte de minha pesquisa para a viabilização do trabalho.

Minha primeira área de interesse foi o período anterior, durante e posterior a Segunda Guerra Mundial. Comecei estudando o anti-semitismo e o holocausto, foi quando tive contato com os escritos de Gustavo Barroso e conseqüentemente com o Integralismo, entretanto optei por pesquisar o Integralismo devido a viabilidade das fontes.

É no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro que estão depositados parte significativa da documentação sobre o Integralismo, tanto de matriz regional quanto de âmbito nacional. O acervo do APERJ, em verdade é bastante amplo, está composto de documentos do século XVIII que se estende até os dias atuais provenientes da Província

e do Antigo Estado do Rio de Janeiro e do Antigo Estado da Guanabara, destacando-se os acervos da polícia política. Contudo, a divisão dentro do APERJ se apresenta em forma de temáticas: comunismo, escravidão, integralismo, movimentos sociais, espionagem, prisões e outros. A temática integralismo está dividida em 26 pastas, contendo cada, uma titulação, que identifica algumas subdivisões. A pasta tem farta documentação sobre o integralismo nos primeiros anos de existência e se estende até o período em que os integralistas se organizaram como PRP (Partido da Representação Popular), já na década de 1940.

Por ser aluno dessa universidade, e pela mesma estar localizada no Triângulo Mineiro, entendi que seria viável um estudo sobre o movimento integralista nessa região, este foi meu primeiro recorte na pesquisa. Seguindo esse objetivo mapeei todas as pastas referentes ao integralismo, mas o resultado não foi satisfatório. Contudo uma dessas chamou-me a atenção, ela se referia a uma organização chamada Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, que teria existido nos anos de 1940 e 1941, e que como já pressupunha seu local de depósito, estaria ligada ao integralismo. A partir desse momento a CJBI passará a ser o objeto específico de minha pesquisa.

A Cruzada Juvenil da Boa Imprensa se destacava frente às demais organizações criadas pelos integralistas durante o Estado Novo, pois no primeiro contato com a documentação, percebi a sua estrutura e a grandiosidade de seus eventos, essa característica já nos fazia indagar sobre o papel que esta entidade poderia ter desempenhado no Estado Novo. Lembrando que o “Golpe de 37” foi fundamental para o destino do integralismo, visto que, como partido, será primeiramente fechado e seus membros posteriormente serão alvo de uma intensa repressão. Como primeiro objetivo, procurei entender como que ex-integralistas, proibidos de se organizarem, continuaram suas ações.

Porém, ao mesmo tempo, entendi que seria necessário analisar a ambiência na qual surgiu a Cruzada, ou seja, refletir sobre o período que Vargas esteve no poder e o que ele significou para o Brasil. Frente a isso, a pesquisa bibliográfica se tornou fundamental, e o embate entre as perspectivas historiográficas que discutem a “Era Vargas” me proporcionou alguns pressupostos que me ajudaram a entender a CJBI.

O golpe de Estado de 1930 é a materialização da crise política, social e econômica gestada durante a República Velha. Sobre esse quadro político algumas tendências historiográficas procuram explicar os fatores que determinaram o caráter do golpe de Outubro, destaco três dessas vertentes.

A primeira privilegia os movimentos corporativos militares, a heterogeneidade do movimento e a emergência das massas populares no cenário político.¹ A segunda entende que o verdadeiro momento revolucionário foi o período de 1928, com a criação do “bloco operário camponês”, levado a frente pelo partido comunista². Por último, a opção que trabalha com a perspectiva que a classe trabalhadora tem suas demandas atendidas pelo grupo que chegou ao poder, não sendo apenas uma classe manipulada pelos demais setores que chegavam ao poder naquele momento³.

Face as controvérsias sobre a “Revolução de 30”, entendo que três fatores são relevantes para a compreensão da crise da República Velha: perda de hegemonia política por parte da oligarquia cafeeira paulista, ascensão reinvidicatória de setores populares e pela fragilidade da economia baseada na produção agrícola para a exportação verificada após uma grave crise econômica de alcance mundial.

Essas premissas básicas nortearão meu trabalho e a análise sobre a “Revolução de 30” que desenvolverei no primeiro capítulo. Também buscarei entender o significado da Ação Integralista Brasileira no seu período de atuação e os fatores que levaram a sua fundação. Entretanto, ressalto que irá ser a CJBI que me apresentará às questões sobre o integralismo. Porém, para obter uma compreensão mais sólida sobre o que significou a AIB não posso me abster do debate historiográfico que se trava sobre essa organização.

O livro de Héglio Trindade, em 1974, é o primeiro que traz uma perspectiva historiográfica sobre o integralismo, procura explicar o avanço da doutrina como o avanço de idéias autoritárias na década de 1930. Para ele, o integralismo é o primeiro grande movimento de massas do Brasil, caracterizava-se pelo nacionalismo e conseqüentemente pelo anti-liberalismo e anti-comunismo.⁴

Muito próximo da análise de Trindade se encontra Edgard Carone, apesar de seus pressupostos caracterizarem a AIB como um movimento nacionalista de massas e autoritário, este último é pouco criterioso ao analisar Plínio Salgado, chefe do integralismo.⁵

Já José Chasin e Ricardo Benzaquem Araújo apresentam explicações totalmente opostas. O primeiro considera a AIB um movimento de extrema direita e reacionário,

¹ FAUSTO, Boris. *A Revolução de 30. Historiografia e História*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

² DE DECCA, Edgard Salvatore. *1930, O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

³ GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

⁴ TRINDADE, Héglio. *Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974.

⁵ CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937 – 1945)*. Rio de Janeiro: Difel.

mas não o associa ao Fascismo, pois este só poderia existir num estágio do desenvolvimento pleno do modo de produção capitalista, muito aquém do Brasil na década de 1930⁶. Araújo pensa o integralismo pautado nos conceitos de Hannah Arendt, na sua perspectiva o integralismo é um movimento totalitário. Centra seu estudo sobre a lógica do pensamento de Plínio Salgado, que segundo ele, entendia a noção de igualdade como total negação da indiferença e do conflito, desencadeando uma procura da homogeneidade absoluta.⁷

Por último, a análise de Marilena Chauí que denominou esse movimento como autoritário e reacionário, predominantemente composto por extratos sociais médios. Contudo deu destaque ao papel desempenhado pela Ação Integralista Brasileira que representando a classe média existente, sob a bandeira do comunismo, se constituiu como ponta de lança para repressão exercida contra o proletariado.⁸

Como um todo, o trabalho de consulta a bibliografia se desenvolveu acompanhado da pesquisa no Arquivo Público. É importante destacar esse ponto, pois tem relação direta como o papel que a consulta bibliográfica desempenhará nessa pesquisa. No meu entender a bibliografia, ou seja, teorias já consolidadas sobre determinado tema, não são verdades absolutas no qual minha pesquisa somente se adaptaria, teoria é parte componente do trabalho, e é fundamentalmente construída ao longo do exercício de reflexão e contato com as fontes. Déa Fenelon, sobre o papel da teoria no trabalho histórico, assim coloca:

Nenhuma teoria pode ser pensada como capaz de dispensar a investigação empírica sobre a realidade, ou corremos o risco de construir castelos de areia. Nesse sentido, as formas de exame e leitura dos dados são tão importantes quanto a construção. Não se trata pois de introduzir de fora uma reflexão que nada tem a ver com a realidade. E nem concordamos em que a teoria seja algo pronto e acabado esperando por nós para adotá-la na forma de hipóteses e modelos.⁹

Entendo a pesquisa por esse viés, foi nessa perspectiva que produzi os três capítulos que compõe essa monografia. Nesse sentido, me propus a pensar a relação dos

⁶ CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

⁷ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Totalitarismo e Revolução. o integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

⁸ CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: *Ideologia e Mobilização popular*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

⁹ FENELON, Déa. O Historiador e a Cultura Popular: história de classe ou história do povo?. In: *Revista História e Perspectiva*. Uberlândia, Jan-Jun 1992, p. 16.

integralistas com o Estado Novo intermediada pela Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, entretanto, um outro elemento passou a tomar destaque nesse trabalho, o nacionalismo.

Na cidade do Rio de Janeiro, nos últimos cinco anos, uma organização denominada MV-Brasil, me chamou a atenção, principalmente na forma como que se comunicava com a população em geral. Utilizando-se de frases como “Resistir é Preciso” e “Brasil o país do Futuro”, o MV-Brasil passava a sua mensagem patriótica. Suas críticas incitavam ao não pagamento da dívida externa, ao fim do monopólio da Rede Globo e ao antiamericanismo.

De certo, ainda temos diversos focos nacionalistas na sociedade, principalmente nas Forças Armadas, porém o MV-Brasil foi fundado por estudantes do curso de Direito da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Fato que muito me surpreendeu, pois não imaginava que pudesse existir um movimento de cunho nacionalista, criado há tão pouco tempo e por jovens universitários. Porém a maior surpresa seria a rapidez na qual o MV-Brasil se espalharia. Em pouco tempo, duas bancas no centro da cidade do Rio de Janeiro, com uma intensa abordagem de pedestres e uma camisa de cor preta com o símbolo dos Estados Unidos cortado com um risco.

Observando a atitude da população em relação ao MV-Brasil, comecei a perceber que o sucesso dessa organização tinha relação direta com a receptividade do cidadão comum ao nacionalismo, e mais, constatei que apesar de vivermos uma época pautada no individualismo, o nacionalismo com suas palavras de ordem ainda mobilizavam.

Toda essa reflexão surgiu em meio a meu trabalho com a CJBI. Ao me debruçar sobre o Estado Novo, um dos elementos que chamou-me a atenção foi o nacionalismo. Seus dirigentes objetivavam “refundar o Brasil”, por isso uma série de medidas vão ser postas em prática como: a prática da Educação Moral e Cívica, solenidades de hasteamento da bandeira nacional, culto ao herói nacional e destaque dos marcos históricos. Fruto de uma intensa propaganda governamental instalou-se na década de 1930, no Brasil, um clima nacionalista. Em verdade, o nacionalismo surgiu como ideologia que contrapunha a divisão dos brasileiros em classes:

O nacionalismo supõe a identificação de todos os membros de uma sociedade com um destino comum, destino cujos traços se originam no passado, são identificáveis no presente e asseguram um futuro comum. Enquanto o nacionalismo romântico enfatiza o grupo primário e a comunidade, o nacionalismo do século XX assenta-se sobre a crescente identificação entre nação e Estado. O Estado é que sustenta e administra

a ordem social – sistemas de relações entre elementos sociais heterogêneos que pontilham uma cultura comum. O nacionalismo ocupava-se em identificar uma coletividade histórica em termos de nação, e são fatores étnicos, geográficos e culturais que asseguram a solidariedade nacional. Para os nacionalistas, a nação, conjunto de valores morais, constitui um todo orgânico cujos fins se realizam através do Estado. O Estado é responsável por manter a ordem nacional, é o tutor da virtude cívica, da consciência imanente da coletividade.¹⁰

O nacionalismo na década de 1930 e principalmente no Estado Novo mobilizava, refletindo sobre esse ponto procurei apresentar como a Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, ao relacionar sua atuação ao nacionalismo foi amplamente aceita na sociedade carioca.

Como mencionei, o corpo documental que subdisiui minha pesquisa foi o localizado no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, especificamente os dossiês da Delegacia Especial de Segurança Política e Social. Sobre a DESPS, pode-se dizer foi criada em 10 de Janeiro de 1933, já com Vargas no poder. De acordo com a legislação de sua criação organizou-se em três seções: Segurança Política, Segurança Social e de Armas e Explosivos. Este órgão era responsável pelas investigações de âmbito político do período, suas investigações sobre a CJBI produziram dossiês quase que diários, essa foi nossa principal fonte de consulta.¹¹

Contudo, pelo fato de lidar com os documentos provindos de relatórios policiais, o tratamento das fontes referentes a relatórios me custou um grande exercício de reflexão. Por todo tempo busquei não deslizar no positivismo, ou seja, relacionar os documentos, inclusive com suas explicações, e transportá-los para a minha monografia sem uma análise crítica que levasse em conta, o objetivo do relatório, por que e por quem estava sendo escrito.

Esses relatórios policiais tinham esse particular, pois formulavam explicações sobre a CJBI. Nesses termos, meu trabalho se constituirá em problematizar esta investigação, utilizando-se dos recursos próprios do historiador: o cruzamento de fontes e o diálogo com a historiografia.

Também utilizei nessa pesquisa as cartas e manifestos coletados no CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) da Fundação Getúlio Vargas. Diferentemente dos Dossiês, esses documentos são

¹⁰ OLIVEIRA, Lucia Lippi; VELLOSO, Mônica P.; GOMES, Ângela de Castro. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1982, p. 26.

¹¹ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Os Arquivos das Polícias Políticas: reflexos de nossa história contemporânea*. 2ª Ed., Rio de Janeiro, FAPERJ, 1996.

interceptações de comunicações entre integralistas e cartas destinadas a Getúlio Vargas. Eles possibilitaram a minha compreensão sobre as posições políticas de Plínio Salgado no período em que a CJBI funcionou.

Complementando o corpo de documentos utilizados estão o de matriz iconográfica, porém ressalto que meu objetivo ao utilizá-los é de favorecer a compreensão das questões propostas, por isso não dedico nenhuma análise específica a eles.

Sendo assim, apresentados os pressupostos metodológicos, as fontes e os objetivos dessa pesquisa, procurarei resumidamente expor como ela está organizada no corpo da monografia.

No primeiro capítulo me dedico a explicar a ambiência na qual surgiu a CJBI. Dou destaque aos fatores que levaram ao poder o grupo político comandado por Vargas e em seqüência explico o Estado Novo e seus determinantes. Procuro, ainda, observar o papel desempenhado pela Ação Integralista Brasileira, antes e depois da decretação do Estado Novo.

No segundo capítulo, procuro entender o papel desempenhado pela Cruzada Juvenil da Boa Imprensa. Utilizo duas versões, a da própria CJBI e a polícia estadonovista, a Cruzada era uma simples organização nacionalista ou era a reorganização do integralismo no Rio de Janeiro.

Por último, analisarei a relação da CJBI com o Estado Novo, destacando o papel do nacionalismo nessa relação, como pano de fundo também mapearei o desenvolvimento da Cruzada, do surgimento até a proibição de funcionar.

Capítulo 1

Por que CJBI?

No ano de 1940 inicia as suas atividades a Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, seu idealizador foi o oficial do Exército Jaime Ferreira da Silva *“que por incapacidades físicas oriundas de um acidente de serviço, irá se reformar e posteriormente fundar esta organização”*.¹

A CJBI tem como primeiro endereço à Rua do Ouvidor nº 27, no centro da cidade do Rio de Janeiro, local que já funcionava a revista infantil Rataplan, por um breve espaço de tempo, elas dividiram a mesma sede. Não era uma simples coincidência o fato de ambas as organizações estarem instaladas no mesmo endereço, elas tinham como público principal o jovem, mais que isso, dividiam uma mesma concepção do que deveria ser o jovem, os organizadores da Revista Rataplan e da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa se entendiam como salvadoras da leitura da criança brasileira, por que como colocara o Gal. Pedro Cavalcanti, sócio benemérito da CJBI, *“as leituras que ora estão apresentadas aos menores pelos suplementos dos nossos jornais e outras revistas atuais, deseducam em vez de educar as crianças”*.²

Mas apesar de a CJBI e a Revista Rataplan tratarem do mesmo público, seus objetivos eram diferentes, o que explica em parte a concomitância de suas atuações, enquanto a primeira tinha como mote suas reuniões e eventos, buscando sempre o maior número de associados, a segunda tinha a sua atuação ligada a produção de textos de conteúdo educacional. Deste modo, Revista Rataplan e Cruzada Juvenil da Boa Imprensa se completavam, sendo que o órgão de imprensa serviu de suporte para a divulgação da CJBI. A Revista Rataplan é, portanto, fundamental para a CJBI, não só na época de sua fundação mas ao longo de seu funcionamento, pois se tornará fiel companheira na orientação da juventude no que se refere à sua leitura.

Um outro ponto também ligava a Cruzada Juvenil de Boa Imprensa e a Revista Rataplan. O fundador da CJBI, Cap. Jaime Ferreira, além de sua função nesta organização acumulava a direção do programa radiofônico “Rataplan em Revista”, irradiado todas as

¹ Carta de Mauricio Limbo de Abreu, Primeiro Vice-presidente da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, endereçada ao Presidente Getúlio Vargas em 02/01/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

² Dossiê de 02/12/1940, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

quintas-feiras na emissora Guanabara, logo que esta revista passou a expandir seu modelo educacional para as rádios. Jaime Ferreira da Silva, segundo os relatórios da polícia política do Estado Novo, era ex-membro da Ação Integralista Brasileira, atuou na imprensa integralista, no Jornal “A Offensiva”, apesar disso, seu nome não se encontra entre os membros da Câmara dos 40, nem na composição da Câmara dos 400³, o que não o coloca entre os integralistas mais graduados, pelo menos na época de funcionamento da Ação Integralista Brasileira. Parece ser justamente no período de proibição de funcionamento, que Jaime Ferreira da Silva começará a ser um integralista proeminente, chegando a ser eleito vereador para a Câmara do Distrito Federal em 1946.

O fundador da CJBI fazia parte do grupo de integralistas que escaparam das perseguições feitas pela polícia política, logo após a tentativa de golpe em maio de 1938. Partindo de dados quantitativos aferidos pouco antes de seu fechamento, a Ação Integralista Brasileira foi proibida de funcionar em pleno auge, mas este fato, apesar de ter sido um grande retrocesso nas suas pretensões, parece não ter abalado as convicções de boa parte dos integralistas, pois logo após a atenuação do clima de perseguições, voltaram a se organizar em socorros mútuos, associações e clubes.

A Cruzada Juvenil da Boa Imprensa também faz parte deste grupo de entidades fundadas e freqüentadas majoritariamente por integralistas. Partindo desse entendimento esse capítulo se propõe a tratar das motivações que resultaram na fundação dessa organização.

Nesse sentido, se faz necessário a compreensão da ambiência na qual surge a Cruzada. Em 1940 completava dez anos da ascensão ao governo de Getúlio Vargas, nessa perspectiva o período denominado de “Era Vargas” será estudado nesse capítulo, onde se procurará apresentar o significado desse período para a conjuntura política nacional, privilegiando os embates entre os diferentes grupos.

A Ação Integralista Brasileira será o posterior objeto de análise. A pesquisa documental nos faz reconhecer a ligação da CJBI com o Integralismo, o que dá a AIB a função de peça importante para a compreensão da CJBI. Por esse motivo, algumas questões

³ A Câmara dos Quarenta e a Câmara dos Quatrocentos foram órgãos consultivos criados, em 1936, no Congresso de Petrópolis. Ambas têm a função de opinar sobre problemas suscitados por Plínio Salgado.

se farão pertinentes: Como se desenvolveu a AIB durante a “Era Vargas”? Que fatores motivaram o surgimento da AIB?

Por último darei destaque ao Estado Novo. Em 10 de Novembro de 1937, Getúlio Vargas instaura uma ditadura civil, que entre outras propostas, projetava “fundar” um novo Brasil. O reflexo da instauração desse regime para o Integralismo foi desastroso, primeiro fica proibido de funcionar, posteriormente seus integrantes, após tentativas seguidas de golpe, começam a ser perseguidos. Frente a isso, procurarei explicar os fatores que levaram ao golpe e as forças políticas que apoiaram Getúlio. Também analisarei a situação do Integralismo e a dos integralistas, do período de instituição do Estado Novo até a fundação da CJBI.

O entendimento dessas questões nos proporcionará uma base segura para podermos responder a questão principal deste capítulo que se refere especificamente à CJBI.

A “Revolução” de 30 e o Integralismo

Desde o início de suas atividades as reuniões semanais tinham um papel fundamental para a CJBI, era um momento privilegiado para se traçar estratégias, divulgar a doutrina e confraternizar-se (Cf. anexo nº 5).

Na tarde de 16 de janeiro de 1941, num desses encontros, compareceram “*homens mulheres e jovens*” para ouvirem palestras que versavam sobre o “*nacionalismo no Japão*” até a “*situação da criança no momento atual*”, passando pela “*subalterna situação da mulher em relação ao voto*”. Depois disso, marcariam o dia da nova reunião ressaltando a antecipação para um dia antes do previsto, combinariam seu programa e encerrariam o encontro com alguns cantando a primeira parte do hino nacional enquanto os outros o hino todo.⁴

A reunião acima descrita expressa características gerais dos encontros que irão ocorrer ao longo de 1941, eles serão marcados por uma intensa formação política e pela presença constante de associados da Cruzada. Mas é o complemento das informações contidas no relatório do investigador da polícia getulista que irão nos ajudar a compreender tal entidade. Segundo ele, estava presente neste local um “elemento” de nome Julio

⁴ Dossiê 16/01/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

Pinheiro, que já teria tido passagem na Delegacia de Ordem política e Social e fazia parte do antigo núcleo integralista do Engenho de Dentro, bairro do subúrbio carioca.

Portanto, um investigador chama a atenção para a presença de integralistas numa reunião da Cruzada. Este fato, a princípio, nos coloca duas questões: Qual era a ligação dos integralistas com a Cruzada Juvenil da Boa Imprensa? Quais eram as características deste governo que investigava outros grupos políticos? Para respondermos essas questões, voltemos a década de 1930 e seus desdobramentos.

No início da década de 1930 forças políticas heterogêneas sob o comando de Getúlio Vargas, após uma tentativa fracassada de acesso ao poder via eleitoral, dão um golpe de estado dando fim a um regime político chamado de República Velha:

A organização social da República Velha é marcada pela predominância do setor agro-exportador pela inexistência de uma luta nítida de facções de no interior da burguesia entre o setor agrário e o setor industrial, pela fraca integração nacional, com predominância do Eixo São Paulo-Minas, pelo caráter secundário das oposições de classe, pois mesmo os grandes conflitos operários, como a greve geral de 1917, não chegaram a abalar os fundamentos do poder.⁵

*O golpe de Outubro de 1930 é o resultado do deslocamento da tradicional oligarquia paulista do centro do poder, em vista disso os setores sociais envolvidos no golpe, “as demais oligarquias agrárias não exportadoras e os seguimentos de classe média civis e militares” não tiveram condições de substituir a altura as oligarquias da República Velha, “nenhuma das frações de classe envolvidas na Revolução conseguiu (...) impor seus interesses particulares como expressão dos interesses gerais da nação”.*⁶

É bastante controverso o caráter revolucionário do movimento de 30, se problematiza o seu caráter modificador da estrutura econômica que se perpetuou ao longo da República Velha, porém se tal movimento não conseguiu abalar as bases do poder não se pode negar que se propagou um clima de instabilidade política em todo plano nacional:

⁵ FAUSTO, Boris. A Revolução de 30. in: Carlos Guilherme Mota. *Brasil em Perspectiva*. 10º Ed. Rio de Janeiro: Difel, 1978, p. 233 e 234.

⁶ MENDONÇA, Sonia Regina. *Estado e Economia no Brasil: Opções de Desenvolvimento*. 2ª Ed.. Rio de Janeiro: Graal, p. 14.

A Revolução de 30, mesmo sem ter constituído um marco na história das idéias, foi um evento que abriu espaço para o debate de projetos políticos, permitindo que pensadores pudessem apresentar propostas capazes de se traduzirem em ação governamental.⁷

De fato, a primeira medida do governo foi dissolver o Congresso Nacional e as Assembléias Estaduais, esta foi seguida da nomeação de interventores que governavam até a elaboração de uma nova constituição, com o passar do tempo a situação começou a se tornar tensa e a resposta das forças opositoras constituiu-se em 1932 com a sublevação Constitucionalista paulista. Finalmente, em 16 de julho de 1934 foi promulgada a nova constituição, que apesar de prever a eleição direta para Presidente instituiu que o próximo seria eleito indiretamente, fato que favoreceu Vargas que se elegeu por mais quatro anos, desta forma:

O período de 1930 a 37 pode (...) ser definido como crise política aberta, sem que nenhuma das frações de classe envolvidas lograsse tornar-se hegemônica em sucessão a burguesia cafeeira, o que acabou garantido ao Estado – a burocracia Estatal – a possibilidade de atuar com relativa margem de autonomia face aos interesses em disputa.⁸

Para os ideólogos do movimento de 30 o objetivo central era a ruptura com o regime liberal da República Velha, para isso era necessário a construção de um novo estado que se pautava no ideário de unidade nacional, negando toda aquela autonomia provincial que era vista como a causa do atraso, sendo o estado nacional, forte e centralizador a solução para o Brasil. “*A importância e a grandeza desta proposta lhe conferiam, na ótica dos seus defensores o estatuto de um novo começo na história do país (...) um autêntico redescobrimento do Brasil*”.⁹ Se em 30 não houve a possibilidade da implantação imediata de tal projeto nacionalista, anos mais tarde, em 1937, todo um cenário irá se constituir para a instituição de um golpe que o materializará:

⁷ OLIVEIRA, Lucia Lippi; VELLOSO, Mônica P.; GOMES, Ângela de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1982, p. 15.

⁸ MENDONÇA, Sonia Regina. Parte B; Estado e Sociedade: a consolidação da República oligárquica. In: Linhares, Maria Yeda (org). *História Geral do Brasil*, 9ª Ed.. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 322.

⁹ GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. 2ª Ed.. Rio de Janeiro: Relume Dumará 1994, p. 175.

Trinta e 37 surgiram como dois momentos, como duas etapas de um mesmo processo, guardando o primeiro episódio a característica verdadeiramente revolucionária do fato que lhe era posterior, 30 fora o início daquilo que 37 queria e devia realizar.¹⁰

O golpe de 37 estava sendo preparado desde 1935, nesse ano, foi votada a Lei de Segurança Nacional que aumentava as restrições políticas, “*a revolução comunista de novembro de 1935 é o pretexto último que permite a permanente decretação do estado de sítio e esdruxulamente o da decretação do estado de guerra em pleno regime de paz*”.¹¹

Neste ínterim, Vargas procura dividir os dois maiores estados São Paulo e Minas Gerais, afasta o grupo liderado pelos paulistas que tinham Armando Salles Oliveira como candidato e incentiva a candidatura de José Américo lançada por Benedito Valadares, governador de Minas Gerais. No contexto das duas candidaturas Getúlio articula o golpe:

Francisco Campos prepara o esboço da futura constituição, os Generais Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra provocam incidentes e afastam oficiais liberais dos comandos, reforçando o seu poderio, Plínio Salgado, sem o conhecimento de outros integralistas, dá apoio ao futuro golpe.¹²

De fato há tempos o golpe estava anunciado, a data escolhida tinha sido o 15 de Novembro, mas devido ao apelo de Armando Salles à nação, ele foi antecipado para o dia 10. Neste mesmo dia Vargas discursava expondo as razões do golpe:

O homem de Estado, quando as circunstâncias impõem uma decisão excepcional, de amplas repercussões e profundos efeitos na vida do país, acima das deliberações ordinárias da atividade governamental não pode fugir do dever de tomá-la.¹³

O clima de instabilidade política mencionado, após o advento do golpe de 30, passou a ser fundamental para a emergência de movimentos dos mais diversos ao longo da década, tanto de esquerda quanto de direita. A Ação Integralista Brasileira é o principal representante da direita conservadora do período.

¹⁰ Ibidem.. p. 175.

¹¹ CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937 – 1945)*. Rio de Janeiro: Difel, p. 253.

¹² Ibidem, p. 254.

¹³ VARGAS, Getúlio Dornelles. *A Nova Política do Brasil*. v, P. 19 a 32 apud Carone, Edgard. *O Estado Novo (1937 – 1945)*. Rio de Janeiro: Difel, p. 256.

O movimento integralista teve a sua base na SEP (Sociedade de Estudos Políticos), fundada por Plínio Salgado em São Paulo. É desta sociedade que nasce o embrião que mais tarde irá se chamar AIB, ela seria fundada em Outubro de 1932, com a divulgação do Manifesto de Outubro. A partir daí, a AIB iniciará uma escalada assustadoramente rápida que mais tarde irá consagrá-la como um dos maiores movimentos de apelo popular do Brasil.

O número de seus militantes é uma questão controversa, podem se achar as estatísticas mais diversas, entretanto estima-se da 500 a 800 mil aderentes para uma população de 41,5 milhões de habitantes em 1935.

A escalada inicial de 1932 adentrou pelo ano seguinte ainda com pouca notoriedade e em fase de estruturação, mas no ano de 1934, quando se realizou seu primeiro congresso em Vitória (ES), este movimento deu a primeira prova de mobilização, a partir daí o número de núcleo de base começaram a se espalhar por todo o território nacional, Concomitantemente a isso, surge uma imprensa que se estende a dezenas de periódicos propagando a ideologia do integralismo. É importante ressaltar que a segunda metade da década de 30 é o momento de maior auge do Nazismo na Alemanha, o que é bem aproveitado pelos integralistas.

Os anos que se seguiram davam a impressão que o integralismo não era apenas um movimento passageiro, em 1935, ano especial pela realização do segundo congresso em Petrópolis demonstrou-se o impressionante aumento no número de delegados, além disso, os desfiles cada vez mais volumosos provavam que o movimento tinha alcançado adeptos em todas as parcelas sociais. Esse crescimento da doutrina fez com que ocorresse uma mudança de estratégia para o alcance do poder. Em princípio, o caráter militarista era preponderante e uma tomada de poder por via das armas era uma opção bastante disseminada, mas com um crescente número de simpatizantes a estratégia propagandística começou a deixar de lado o extremismo autoritário e passou a se focar na busca por possíveis eleitores. É no congresso de Petrópolis que há essa mudança de proposta, a AIB transforma-se em partido político com o intuito de concorrer às eleições presidenciais previstas para 1938. Acompanhando essas mudanças ocorrem outras, no que se refere à estruturação da entidade, *“cria-se a Câmara dos Quarenta, um conselho consultivo de notáveis, um conselho supremo com dez membros e a Corte Sigma, que se torna a instância*

de poder mais importante, logo abaixo do chefe nacional.” Segundo Héglio Trindade, estas mudanças objetivavam a transformação da AIB num modelo pré-estatal.¹⁴

A ideologia integralista denota uma maneira autoritária de pensar, Marilena Chauí, em seu estudo sobre a AIB, traz alguns entendimentos importantes a se considerar. Ela demonstra que na gênese do pensamento autoritário “há uma debilidade teórica” que o desqualifica, mas admite que isto não interfere na sua eficácia prática. Citando Espinosa complementa: “textos onde as conclusões se sucedem com total ausência de premissas. Tal ausência engendra a debilidade teórica e sua contrapartida, isto é, a eficácia prática”.¹⁵

A AIB, além da SEP, se estruturou a partir de pequenos partidos de extrema direita do início da década de 30, apesar da diversidade, logo nos seus primeiros anos, Plínio Salgado assumia o posto de líder do movimento. A relação do líder integralista com os demais militantes da AIB e a estrutura hierárquica exemplificam bem o autoritarismo nela implícito:

“Os estatutos integralistas atribuem ao chefe direção total e indivisível do movimento, tornando seu poder centralizado, total e permanente”. Essa totalidade de poder se mostra “na definição política e no controle da ação”.¹⁶

Em 1936, quando os protocolos e rituais da AIB redefinem os poderes do chefe, a amplitude de seu poder (decidir sobre dúvidas doutrinárias e o de ter plenos poderes deliberativos) não são mudadas, “mas há uma tentativa de despersonalizar as bases desse poder ilimitado”. Porém esta medida não abala o caráter hierarquizado da doutrina e o papel do chefe neste sistema, a obediência personalizada à Plínio Salgado continua com o juramento ao chefe: “Juro a Deus e pela minha honra trabalhar pela Ação Integralista Brasileira, executando, sem discutir, as ordens do Chefe Nacional e dos meus superiores”.¹⁷

O juramento se torna um exemplo elucidador para se entender o autoritarismo na AIB, confirmando as características autoritárias de pensar esboçadas por Chauí:

¹⁴ MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938) In: Ferreira, Jorge (Org); Reis Filho, Daniel Arão (Org); Zenha, C (Org). *O século XX: o tempo das crises, revoluções, fascismo e guerra*. 1ª Ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, V. 1, p. 43.

¹⁵ CHAUI, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: *Ideologia e Mobilização popular*. São Paulo: Paz e Terra, 1978, p. 34.

¹⁶ Estatutos da AIB. Monitor Integralista, maio de 1934. Citado por Trindade, Héglio. *Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974.

¹⁷ Protocolos e Rituais da AIB. Monitor Integralista, 5(8); Abril de 1937. Citado por Trindade, Héglio. *Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974.

Seria ilusório supor que o pensamento autoritário desemboque numa exigência de obediência, pois esta é seu próprio ponto de partida: precisa de certezas prévias para poder efetivar-se e vai buscá-las tanto em fatos quanto em teorias. (...) O pensar autoritário, região das conseqüências sem premissas, precisa localizar em algum ponto externo, anterior e fixo um conjunto de afirmações protocolares graças as quais entra a pensar. Apóia-se no já visto (o fato exemplar), no já pensado (a teoria prévia), no já enunciado (o discurso autorizado) teme o novo e o inédito e esforça-se para retrai-los até a fronteira do já sabido. Incapaz de pensar a diferença tanto no espaço quanto no tempo precisa sentir-se autorizado antes de impor-se.¹⁸

Além de Salgado, duas figuras se destacavam na hierarquia integralista, o historiador Gustavo Barroso e o jurista Miguel Reale. Ambos os pensadores tinham propostas e visões diferentes sobre o integralismo, em alguns momentos aparecem divergências que desencadeavam diversas crises ideológicas no seio do movimento, *“todavia o nacionalismo e o espiritualismo, esses dois elementos doutrinários de convergência do integralismo, associados à luta contra o liberalismo e o socialismo, permitiram a coexistência num único movimento de orientações ideológicas justapostas”*. Por exemplo, em se tratando de nacionalismo, enquanto Salgado o concebe numa versão ufanista, Miguel Reale e Gustavo Barroso imprimem a ele uma dimensão econômica e antiimperialista, sendo a deste último carregada de anti-semitismo.¹⁹

O modelo do Fascismo advindo da Itália influenciou diretamente Salgado. Antes mesmo da fundação da AIB, numa viagem a Itália como tutor de Souza Aranha, o líder integralista teria o primeiro contato com o Fascismo, encontrando-se até mesmo com Mussolini. A partir desse momento ele passa a achar cada vez mais necessária uma transformação radical e revolucionária da vida brasileira.²⁰ Além do Fascismo, pensadores católicos como Farias Brito e Jackson de Figueiredo estão na base de seu pensamento.

Mas em que contexto político surge a AIB? Quem eram seus militantes? Que função desempenhou a AIB?

¹⁸ CHAUI, op. cit., p. 34.

¹⁹ TRINDADE, Héglio. *Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974, p. 274.

²⁰ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Totalitarismo e Revolução. O integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988, p. 24.

O fervor da década de 30 abriu espaço para a consolidação e fortalecimento de grupos de esquerda, a classe operária, após acumular experiência política durante toda a República Velha, intensificava suas lutas reivindicando melhores condições de trabalho, menor jornada de férias e outros direitos. O surgimento do partido comunista em 1922 é outro fator importante neste contexto, pois canalizou parte das lutas operárias.

O período se caracterizava por uma crescente mobilização das massas. O Partido Comunista começava a articular de forma mais intensa uma linha de ação, promovendo campanhas contra a guerra e buscando a unificação daquela parte do movimento sindical que ainda se encontrava sob orientação das lideranças de esquerda.

No plano filosófico as doutrinas integralistas e comunistas se antagonizavam, a luta de classes um dos pilares do pensamento marxista, era negado pelos ideólogos da AIB que viam como uma solução à união dos brasileiros. O nacionalismo integralista era o oposto do internacionalismo comunista. Estas divergências desdobraram para a prática, de fato a AIB já surgiu inimiga das organizações operárias que de alguma forma apresentasse um discurso classista que conscientizasse tais trabalhadores para a mobilização por melhores condições de vida.

Se o alvo predileto da República velha eram os anarquistas, a década de 30 elegerá como inimigo número um o “Fantasma do Comunismo”. É importante ressaltar que a *“tônica anti-comunista dos depoimentos e discursos”* não pressupõem que a luta se restringia ao Partido Comunista, é preciso considerar os diversos significados do termo “comunista” no período. Porém todos os significados expressos no ser comunista convergem *“para a imagem de subversão e destruição da ordem vigente por agitadores que usam as insatisfações dos pobres para levá-los a revolta”*. Posto isso, se perguntarmos a que veio responder a AIB. A resposta seria: barrar a ascensão operária.²¹

A urbanização acelerada ao longo da República Velha fez aparecer no cenário sócio-político novas camadas sociais que não tinham grande espaço no projeto agro-exportador brasileiro, isso se refletiu nas críticas ao seu modelo político liberal. A partir daí outros projetos passaram a concorrer com este último. O golpe de 30 é o momento em que chega ao poder grupos políticos até então secundários (Burguesia Industrial e camadas

²¹ CHAUÍ, op. cit., p. 96.

médias urbanas) gestados nas primeiras décadas da república. Porém, o Movimento de 30, mesmo fazendo ascender setores sociais até então a margem do poder, efetivamente não tirou o poder econômico das oligarquias paulista e mineira.

A classe trabalhadora passou a ser combatida pelas elites que viam na sua organização um impecilho para a maximização de seus lucros, neste âmbito analisaremos de que modo a classe média emergente entra neste processo.

Diferentemente da antiga classe média americana, a brasileira, não fundou a sua principal “*atividade econômica na pequena propriedade independente*” e sim em “setores subsidiários”, principalmente no funcionalismo público e em serviços “*cuja pauta é dada pela grande propriedade de terra*”.²²

Essa classe média vivia numa situação de ambigüidade, “*submetida à dupla influência dos laços de dependência com as oligarquias e a ilusória autonomia que a participação nos serviços e a burocracia de estado poderia lhe dar*”. Por este motivo entende-se que “*a classe média não poderia ser portadora de um projeto político autônomo*”.²³

Baseado nos dados apresentados por Héglio Trindade verifica-se que a classe média urbana é o principal extrato social da qual provém a grande maioria dos militantes da AIB. Porém, ele ressalva que há uma diferenciação entre dirigentes nacionais/regionais e os dirigentes locais. Nos primeiros aparecem grandes industriais e proprietários de terra enquanto que no nível local 25% dos componentes tem origem popular. No entanto, reitera que $\frac{3}{4}$ dos componentes da AIB eram elementos da classe média urbana.²⁴

Todos esse dados aqui apresentados confirmam a tese de Chauí quando traça o perfil da classe média brasileira:

No Brasil, trabalhos recentes tem-se ocupado em demonstrar que tanto do ponto de vista da posição estrutural, a classe média não pode ser portadora de um projeto político autônomo e que, pelo contrário, mesmo quando suas propostas divergem daquelas defendidas pela classe dominante, a divergência não chega a sequer constituir um antagonismo real, de sorte que, bem ou mal,

²² Weffort, Francisco. O Populismo na Política Brasileira. In: **Brasil: Tempos Modernos**. Paz e Terra, 1997, p. 55 apud Chauí, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: Ideologia e Mobilização popular. São Paulo: Paz e Terra, 1978, p. 61.

²³ Pinheiro, Paulo Sérgio. *Classes Médias Urbanas: formação, natureza e intervenção na vida política*. Mimeografando: Unicamp, 1974, p. 9 e 10.

²⁴ TRINDADE, op. cit., 137 a 149.

as classes médias estão atreladas a classe dominante ou a reboque dela. Fundamentalmente, mostra-se que a heterogeneidade da composição, a ambigüidade ideológica, a “desposseção” econômica, o medo da proletarianização e o desejo de ascensão fazem da classe média não apenas uma classe conservadora, mas visceralmente reacionária”.²⁵

Este olhar sobre esta classe faz dela além de participante, o “*destinatário do discurso integralista*”. Foi se dirigindo a ela que tal discurso convocou seus integrantes para não só se tornarem militantes, mas também para se “*constituir como vanguarda política*”. Portanto, sendo os militantes da AIB oriundos principalmente da classe média, que papel ela desempenhou?

O que é característico do atrelamento integralista que faz dos seus dirigentes e militantes massa de manobra de Vargas, é o fato de que, sob a bandeira do combate ao comunismo, a classe média desse período serve de ponta de lança para a repressão exercida contra o proletariado. Não se trata sequer da suposta convergência político-ideológica entre integralistas e o golpe de 37 (...) o autoritarismo e a ditadura surgem para dominantes e classe média integralista como freio indispensável quando se tem em mira obter a paralisia operária”.²⁶

Frente a isso, o papel desempenhado pela AIB no período predecessor ao surgimento da Cruzada mostra que, esta organização, tinha em grande parte, pontos convergentes com o programa dos grupos políticos que chegaram ao poder em 1930.

O Estado Novo

As medidas ditatoriais tomadas pelo governo após o levante comunista prenunciavam o seu patamar autoritário, a decretação do golpe significou a retirada dos últimos direitos democráticos ainda vigentes. Nos primeiros meses de Estado Novo, das várias medidas autoritárias destacaremos duas: o fechamento do congresso e cassação dos registros partidários.

Mas uma vez a ameaça comunista era o pretexto, denunciou-se o chamado “Plano Cohen”. Para os dirigentes do regime ele significava um grandioso plano de tomada de

²⁵ CHAUÌ, op. cit., p. 58 e 59.

²⁶ Ibidem, p. 108.

poder por parte dos comunistas. Posteriormente o que se vai descobrir é que o falso plano de subversão comunista no Brasil não passava de uma elaboração fantasiosa do chefe do Estado Maior da Milícia Integralista e ao mesmo tempo membro do serviço secreto do Exército, capitão Mourão Filho.²⁷

A participação integralista no golpe é bastante reveladora, pois demonstra a sua convergência com o regime vigente. Na prática Plínio Salgado faz acordos com Vargas, sem o consentimento da maioria dos integralistas e dá apoio ao posterior golpe.²⁸

Os principais dirigentes integralistas irão declarar sua adesão ao golpe, certos de que vão se beneficiar com ele, suas esperanças são tão grandes que chegam a sonhar com a nomeação de Plínio Salgado para Ministro da Justiça, mas a primeira decepção ocorre quando Vargas, ao discursar no ato do Golpe, exclui o integralismo²⁹, a partir desse momento o que vai se verificar pelo lado integralista é uma perda de prestígio acompanhada de uma perda de poder. Neste caso, as concordâncias de projetos não desembocaram em acúmulo de poder político.

A participação desses integralistas na preparação do golpe e a convergência de projetos levantam uma questão: O Estado Novo significou a implantação de um modelo de inspiração fascista?

Para Carone, a carta constitucional é toda ela inspirada “*em constituições estrangeiras de países onde imperam preferentemente regimes de força (...) Alemanha, Itália, Portugal*”. Retirando o caráter coercitivo, “*todo o seu conteúdo social e institucional se baseia na possibilidade de limitar a noção de liberdade e a introduzir experiências fascistas*”.

De fato, considerando suas particularidades, é inegável a sua inspiração européia, principalmente em se tratando de crítica “*a liberal democracia*” e a “*organização de um forte e autoritário*” preocupado em “*promover progresso dentro da ordem*”.³⁰ Apesar disso, se reportando ao caráter doutrinário do regime, Lucia Lippi coloca duas distinções que demonstram a diferença entre o Fascismo e o Estado Novo:

²⁷ TRINDADE, op. cit., p. 178.

²⁸ CARONE, op. cit., p. 254.

²⁹ Ibidem, p. 156.

³⁰ CAPELLATO, Maria Helena. Estado Novo: O que trouxe de Novo. In: Org: Jorge Ferreira e Lucilia de Almeida Neves Delgado. *O Brasil Republicano. O Tempo do Nacional- Estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 4 v. p. 109.

A primeira distinção, imediatamente visível, refere-se ao papel e a função do partido. O regime Fascista resulta de um movimento organizado que toma o poder. De acordo com a sua doutrina o partido tem o papel fundamental como propulsor das transformações por que deve passar o governo no novo estado, é ele que representa a vontade da nação. Por outro lado, é preciso lembrar as complexas relações entre o movimento fascista e as Forças Armadas. A doutrina fascista propõe uma militarização de suas forças o que leva o movimento a entrar em competição com as Forças Armadas regulares.

³¹

A perspectiva acima apresenta grande coerência quando a relacionamos com o desenrolar dos acontecimentos e mais especificamente ao papel da AIB no Estado Novo, pois a organização das massas em milícias, ponto fundamental do Fascismo foi negado pelo regime Estadonovista, o integralismo, a unidade que poderia desempenhar este papel foi “*descartado tão logo o novo regime instalou-se*”.³² Neste sentido, negado o seu caráter fascista, o que significou o Estado Novo?

O golpe de 37 era a consolidação daquilo que se iniciou em 30. “*A fundação de um novo Estado é a tônica do discurso dos anos pós-37*”, porém a ênfase no nacionalismo é algo muito mais presente no regime que se iniciava. No entanto, as ambições de seus dirigentes não se restringiam a este ponto, “*a importância e grandeza desta proposta lhe conferiam (...) o estatuto de um novo começo na história do país, a fundação de uma nova ordem política*”, que apreendesse “*as reais potencialidades, necessidades e aspirações do povo brasileiro*”.³³ A ênfase no novo era constante prometia-se criar um novo homem, uma sociedade nova e um país novo.³⁴

Podemos dizer que a partir do Estado Novo consolidou-se um novo estilo de participação política, a Burguesia Industrial que desde a “Revolução de 30” já predominava frente aos outros setores da Burguesia alcança o poder político.³⁵ Porém a ruptura efetiva, em termos econômicos ocorre em 1930 com o “*avanço da acumulação capitalista no país*,

³¹ OLIVEIRA, Lucia Lippi; VELOSO, Mônica P.; GOMES, Ângela de Castro. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1982, p. 25.

³² Ibidem., p. 25.

³³ GOMES, Ângela de Castro. Op. cit., p. 175.

³⁴ CAPELATO, op. cit., p. 125.

³⁵ TAVARES, José Nilo. Getúlio Vargas e o Estado Novo. In: Silva, José Luiz Werneck da. *O feixe e o Prisma: Uma revisão do Estado Novo. O Feixe: o autoritarismo como questão historiográfica*. J. Zahar, V. 1, 1991, p. 74.

na implantação de um núcleo básico de indústrias de bens de produção” acompanhado da “redefinição do papel do Estado em matéria econômica”.³⁶ o Estado Novo aparece como fator de aceleração do processo de transformação burguesa da sociedade brasileira, neste período se configura uma “articulação entre sociedade civil e Estado”.³⁷ José Nilo Tavares explica que:

As relações capitalistas, certamente, já se havia estendido por toda a sociedade brasileira, por volta de 1937, mas o Estado estava defasado em relação a elas, controlado, ainda nas suas linhas fundamentais, pelos servidores subalternos das oligarquias, das burguesias rural e mercantil. Tratava-se, então, de ajustar o Estado a sociedade civil.³⁸

No entanto, outras perspectivas entendem que há um continuísmo e não uma ruptura nas atuações do estado brasileiro pós-30, causado em parte pela sua própria composição, resultado de um “vazio de poder”.³⁹ Nesta perspectiva, o Estado pós-30 não era classista como na República Velha onde as oligarquias paulistas mantinham o poder econômico-político, era heterogêneo, portanto o resultado do golpe de 30 formou uma nova composição das elites com incorporações ou afastamento de grupos. Esta maneira de ver o processo não leva em conta a luta contra a mobilização operária tratada de extremismo marxista efetivada pela elite utilizando setores da classe média, demonstrando o caráter classista do golpe de 30.⁴⁰

A ascensão da burguesia industrial e dos setores médios, significa uma ruptura porque modifica o papel do Estado na sua atuação econômica.

Embora a ação econômica do Estado no pós-30 possa ser vista como ainda comprometida com setores tradicionais da economia e sem uma orientação claramente industrialista, o conjunto das medidas por ele adotadas para atenuar os efeitos da crise ultrapassaria os limites da mera defesa dos interesses dos velhos grupos dominantes e seus horizontes. A idéia da industrialização como alternativa para o desenvolvimento econômico

³⁶ MENDONÇA, Sonia Regina. *Estado e Economia no Brasil: Opções de Desenvolvimento*. 2ª Ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 19.

³⁷ TAVARES, op. cit., p. 74.

³⁸ Ibidem.. p. 74.

³⁹ FAUSTO, Boris. *A Revolução de 30: historiografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

⁴⁰ MENDONÇA, Sonia Regina. *Estado e Economia no Brasil: Opções de Desenvolvimento*. 2ª Ed., Graal, 1986 p. 24.

ganharia lugar de destaque, pouco a pouco, no pensamento e na política do governo da época.⁴¹

Deste modo, não há vazio de poder na instituição do golpe de 30, pelo contrário, o que se percebe uma atitude de classe fundada na tomada do aparelho de Estado, e o golpe de 37 entra nesse processo como consolidador desse projeto. Verificaremos a seguir, que a análise da relação do novo regime com o mundo do trabalho encaminha para este entendimento.

“Progresso dentro da ordem”, esse era o lema do Estado Novo. A negação dos particularismos da República Velha também se refere às reivindicações das classes trabalhadoras, neste sentido todos os brasileiros deveriam trabalhar “pelo bem do Brasil”, dando a luta de classes um substitutivo à altura, o nacionalismo.

Como já mencionado, a relação do trabalhador com o regime sofre uma mudança a partir de 1930, a lei de sindicalização e a legislação trabalhista são exemplos mais contundentes. A lei de sindicalização é baseada na *carta Del lavoro* italiana, suas restrições chegam a ponto de cortar o direito de greve e a participação de operários estrangeiros, que desde os primeiros movimentos operários eram fundamentais devido a experiência acumulada. Além disso, tenta controlar toda a atividade operária:

O Estado Novo liquidava de vez com a autonomia sindical em 1939, proibindo a existência das associações não integradas ao sistema oficial, cujas normas mais importantes consistiam no reconhecimento de apenas um sindicato por cada profissão, que poderia ser distrital, municipal, estadual e interestadual.⁴²

As leis trabalhistas também agem objetivando o controle da classe operária, se utilizando todo um aparato comunicacional, fazia das conquistas dos trabalhadores reivindicadas por décadas um produto de concessão do presidente, substituindo a conquista através da luta, pelo concedimento de um presidente-pai. Nesta lógica os direitos adquiridos pelos trabalhadores: jornada de trabalho de 8 horas, férias remuneradas, estabilidade no

⁴¹ Ibidem.. p. 24.

⁴² SOLA, Lourdes. O golpe de 37 e o Estado Novo. In: Mota, Carlos Guilherme (Org). *Brasil em Perspectiva*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Difel, p. 272.

emprego, indenização por dispensa sem justa causa, regulamentação do trabalho das mulheres e de menores eram “trocados” por uma tutela estatal na atividade política dos trabalhadores.

De fato, todas as medidas tomadas em relação ao trabalhador objetivavam *“regulamentar os conflitos entre patrões e operários e a controlar as atividades dos sindicatos até então independentes”*. Isto não quer dizer que a situação do mundo do trabalho não tenha melhorado, de fato melhorou, mas tal medida foi fundamental para que os *“conflitos sociais não se expressassem na esfera pública”* e que para o projeto transformador da sociedade trazido por eles não se confrontasse com a proposta burguesa (sociedade civil marcada pelas relações de trabalho capitalistas, pelo interesse do lucro, pela expropriação e pela mais valia).

Portanto, o significado do Estado Novo pode ser resumido da seguinte maneira: *“criação de um mercado nacional capitalista, criação de um sistema político que assegurasse as normas gerais desse Estado e a repressão à classe operária como classe portadora de uma mensagem de transformação”*.

O Integralismo no Estado Novo

O golpe do Estado Novo, já nos seus primeiros momentos, frustrou a expectativa integralista de participar do governo com Getúlio Vargas. Porém, esta medida não será o maior revés sofrido pela AIB neste ano. Em 2 de Dezembro o novo governo institui um decreto de lei que extingue todas as organizações partidárias até então existentes⁴³, o que também afetará a Ação Integralista Brasileira obrigando-a a fechar suas portas.

Abalada, a sessão paulista da AIB, em comunicado, avisa a todos os seus adeptos o seu fechamento. Dias depois ela se transforma nacionalmente em Associação Brasileira de Cultura, com aparente finalidade de manter atividades culturais, beneficentes e esportivas.⁴⁴ Isto porque, tal decreto permitia que os partidos se transformassem em sociedades civis para fins culturais, beneficentes e desportivas. No entanto, este processo tanto de

⁴³ Lex Constituição Federal, 1937, P. 330 A 344, apud Carone, Edgard. Estado Novo (1937-1945). Rio de Janeiro: Difel, p. 195.

⁴⁴ Carone, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1976, p. 195.

decretação do Estado Novo quanto de fechamento da AIB foi realizado num clima de intensa negociação.

“Primeira conversa com Campos: (...) pediu resposta sobre o convite para Ministro”, constava também o fechamento da AIB. “Respondi, que isto não era possível”, pois como partido a AIB já estava fechada, “porém, conforme me havia sido prometido, a AIB continuaria a funcionar, como organização cultural”. Neste íterim, Francisco Campos argumenta que os demais partidos poderiam requerer a mesma condição, por isso era imprescindível o fechamento da AIB. Respondi, que os outros partidos, “não possuíam organização de educação e de assistência (...) se era imprescindível (o fechamento da AIB) o próprio governo deveria fechar”.

“Na segunda conversa com Campos: (...) Campos disse não ser possível a organização de outra sociedade, conforme eu pleiteara”. Plínio argumenta que a AIB contraiu dívidas, mas o governo prometeu saldá-las, pois “as obras do integralismo eram consideradas obras de benemerência de interesse público”.

Na conversa com Getúlio os mesmos argumentos se defrontaram, sendo que, diferente de Campos: *“O Snr. Getúlio, achou justas as minhas ponderações, e prometeu, dar plenos poderes ao Campos para elaborar um decreto, facilitando aos partidos que tivessem antes do mesmo entrar em vigor, organizações de assistência e educação, a se transformarem em sociedades civis”.*

O acordo com Vargas não envolvia somente o fechamento da AIB, *“estariam a minha disposição, 20 cargos importantes, que deveriam ser ocupados por 20 integralista de projeção”.* Em todo o texto da carta, Plínio enfatiza a honestidade dos integralistas que apenas trabalhavam pelo bem do Brasil, sobre o ponto acima ele responde: *“Falei-lhe que os integralistas não faziam questão de cargos ou colocações”.*⁴⁵

Como afirma Carone, as negociações entre Plínio e Getúlio são feitas em caráter sigiloso, previamente combinado por ambos:

Prometi ao Snr. G. (...) dos principais membros do integralismo, a fim de saber, se devia ou não aceitar a pasta que me fora oferecida. Perguntou o Snr. Getúlio, se esta reunião seria realizada imediatamente, respondi-lhe que não: só depois da publicação dos decretos, ordenando o fechamento dos partidos e

⁴⁵ Exposição feita por Plínio Salgado sobre as demarches para o fechamento do Integralismo. Dossiê 01/07/1940, Pasta 7, Série Integralismo, APERJ.

permitindo a organização da sociedade, é que eu iria ouvir as opiniões dos demais próceres do integralismo. O Srn. Getúlio, **concordou, e aplaudiu a minha prudência**, achando, que se a reunião fosse realizada antes **poderiam mudar de opinião**, decreto do fechamento dos partidos e do decreto permitindo o funcionamento da AIB, com outro nome. Eu disse-lhe, então, que, quase todas as dificuldades que eu encontrava no momento, eram, principalmente, oriundas do sigilo que me havia solicitado durante a nossa palestra, anterior ao golpe de Estado; que julgava premente a necessidade de levar ao conhecimento dos integralistas, certos fatos que eles ignoravam, devido a minha palavra de honra, dada ao Snr. Presidente. **Autorizou-me**, o Snr. Getúlio a revelar aos integralistas, o assunto das minhas conversações com ele e com o Campos.⁴⁶

Para Carone, esta atitude do chefe integralista de negociar com Getúlio sem o conhecimento dos demais integralistas, facilitou a implementação do golpe e a pouca mobilização por parte dos membros da AIB. Este documento também confirma o patamar dessa negociação, apesar de Salgado inúmeras vezes apresentar a atitude de Getúlio como reconhecedor do papel importante desempenhado pelo integralismo, verificamos a sua fragilidade política:

- Saiu o decreto do fechamento dos partidos, sem que o Campos me consultasse e sem trocar idéias comigo, sobre as instruções, conforme o Snr. Getúlio me prometera.
- Saiu, conforme o Snr. Getúlio me prometera, porém, de surpresa para nós, o decreto permitindo a transformação dos partidos em sociedades civis.
- Organizamos a ABC. Primeira surpresa: os cartórios não queriam registrar a sociedade. Estavam orientados pelo Campos. Segunda: o Adalberto Aranha, consultou o Snr. Getúlio, e registrou a sociedade. Entramos com o requerimento, solicitando, de acordo com a nova lei, o registro no Ministério da Justiça. Começou a protelação.⁴⁷

Nos meses que se seguiram às negociações continuaram, só que agora por intermédio de Rosalina Coelho Lisboa. A partir desse momento ela será a principal ligação entre Plínio e Getúlio.

O fechamento da AIB vai causar uma crise de consciência em seus adeptos. Se a AIB era a base do Regime do Estado Novo, porque ela foi fechada?

⁴⁶ Exposição feita por Plínio Salgado sobre as demarches para o fechamento do Integralismo. Dossiê 01/07/1940, Pasta 7, Série Integralismo, APERJ.

⁴⁷ Exposição feita por Plínio Salgado sobre as demarches para o fechamento do Integralismo. . Dossiê 01/07/1940, Pasta 7, Série Integralismo, APERJ.

Parte dos projetos do Estado Novo se assemelhavam ideologicamente com os da AIB, porém como organização a AIB não teria o mesmo prestígio. Era uma situação difícil de se entender, principalmente para aqueles integralistas que desconheciam as negociações de Plínio como Getúlio. Por isso, o cenário ficou mais confuso quando em janeiro de 1938, Salgado, antes apoiador e incentivador do golpe, rompe com Getúlio. A partir daí, duas propostas dentro do integralismo vão se contrapor:

Grande parte de integralistas estão determinados a aceitar o novo estado de fato, pois além do Estado Novo traduzir o fim do liberalismo e perseguir tenazmente o movimento das esquerdas, ele aparentemente representa a implantação de certas idéias integralistas – a do corporativismo, por exemplo.⁴⁸

O outro grupo insatisfeito com o rumo tomado pelo integralismo no Estado Novo começa a projetar uma reação. Salgado não declara sua posição à favor de nenhum dos grupos, se mantém “imparcial”. De toda forma, o comportamento desses últimos irá influir no movimento como um todo.

Em março o grupo rebelde age pela primeira vez numa tentativa de revolta. O plano incluía “*uma tomada de poder e a prisão de autoridades, entre elas Getúlio Vargas*”, só que uma falha na organização faz com que os conspiradores sejam presos. Apesar do principal foco da revolta ser o Rio de Janeiro, o movimento está articulado em todo o Brasil. Em São Paulo, Bahia, Pernambuco, Santa Catarina, Ceará e em outros estados é iniciada uma grande repressão ao Integralismo.

No primeiro movimento prisões são feitas, mas logo depois grande parte dos envolvidos são soltos, mesmo acontece com seus líderes. Este vai ser um fator importante, por este motivo, “*os acontecimentos de 10 para 11 de março não prejudicaram o golpe de 11 de maio de 1938*”.

Em maio, outra conspiração é articulada, no entanto esta contará com amplos setores políticos além dos integralistas, suas ambições serão maiores suas conseqüências também.

⁴⁸ CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1976, p. 198.

O movimento tem a participação de liberais e integralistas, Flores da Cunha, Otávio Mangabeira, Coronel Euclides de Figueiredo, Armando Sales de Oliveira e Belmiro Valverde que é o encarregado pelos contatos do lado integralista. O golpe envolveu ataque ao Palácio Guanabara, a residência do Presidente da República, lá o tenente Fournier era coordenador do ataque.

No dia 11 de maio iniciam-se as investidas, a maioria dos ataques tem um desfecho negativo, alguns por falta de planejamento outros pela reação imediata dos governistas, contudo alguns ataques são bem sucedidos, a invasão da estação de rádio e o ataque ao Ministério da Marinha cumprem o seu papel, porém com a derrota do movimento em geral, os conspiradores que conseguiram vitórias são obrigados a se render. O mesmo acontece no Palácio Guanabara, lá se chega a obter um sucesso relativo, mas com a reação policial são obrigados a fugir.

As conseqüências da fracassada tentativa de golpe serão enormes para a AIB, seus principais líderes começam a ser procurados e presos a repressão se abate sobre seus adeptos e o chefe Plínio Salgado opta por exilar-se. O Integralismo ficava ainda mais fragilizado, se o decreto de 2 de Dezembro de 1937 foi um retrocesso para as ambições políticas da AIB, o golpe de maio de 38 desarticulou o integralismo por um bom espaço de tempo.

No entanto, este episódio teve um grande vencedor, Getúlio Vargas. Este sai fortalecido do golpe e com mais argumentos para a implantação do regime ditatorial. De fato, Vargas já tinha constituído seu poder desde o golpe do Estado Novo, o que fez com que Plínio Salgado negociasse em situação inferior, contudo o fechamento da AIB gerava bastantes controvérsias no governo, líderes proeminentes mantinham seu apoio aos integralistas. Após maio a situação se modificará, Getúlio alegando a defesa da estabilidade nacional se legitima e os integralistas serão obrigados a cair na clandestinidade.

Mais uma vez, logo após o clima de perseguições a situação se arrefeceu e os integralistas passaram a buscar uma reorganização, inúmeras associações, clubes e socorros mútuos foram sendo criados. Este fato demonstra que apesar de ter sido um grande retrocesso nas suas pretensões, o fechamento e a posterior repressão parecem não ter abalado as convicções de boa parte dos integralistas.

O primeiro tipo de organização de integralistas criada pós-maio de 38 foram os socorros mútuos, tinham o objetivo de prestar ajuda a integralistas que tivessem passando necessidades. Neste ínterim, são observadas três organizações desse tipo: “Socorro Verde”, AFÉ (Associação Feminina de Encarcerados), AFE (Amparo a Família Empobrecida). Suas arrecadações se dão a partir de mensalidades e promoção de festas, como a *“realização da festa do Socorro Verde no clube de Regatas Guanabara, festa em benefício das famílias de integralistas presos e desempregados patrocinada pela AFE”*.⁴⁹

Os dirigentes dessas organizações eram ex-integralistas, por exemplo, a frente do Socorro Verde ficava Luis Brizola, Mauricio Silva Teles (câmara dos quarenta), Alcebiades Delamare e outros.

A apresentação do ambiente na qual surgiu a CJBI é ponto fundamental para se responder que fatores levaram à sua fundação. A CJBI reorganizou parte dos integralistas do Rio de Janeiro, pois após a dispersão, não apareceu nenhuma organização que suprisse minimamente a ausência da AIB. Essas entidades integralistas posteriores a tentativa de golpe de 1938 tinham objetivos emergenciais, nenhuma dessas organizações parecia formar uma estrutura que organizasse maiores quantidades de integralistas, tinham somente o objetivo de auxiliar “companheiros” que estivessem passando necessidades, porém tiveram sua parcela de importância, pois serviram de base e forneceram a CJBI uma grande quantidade de freqüentadores.

Essa primeira movimentação dos integralistas era acompanhada de perto pelos dirigentes do Estado Novo através de sua Polícia Política, se produziam relatórios diários sobre a movimentação destes. Esses órgãos policiais tinham provas suficientes que essas organizações eram formadas por integralistas e atendiam a esse público, sendo o integralismo proibido, porque não as fecharam? Além disso, organizações como a AFE (Associação Feminina de Encarcerados) tinham apoio do Ministério da Justiça, sua fundação objetivava conceder auxílio material e espiritual às famílias de encarcerados em geral, mas na prática não cumpria essa função sendo apenas amparo para os presos políticos integralistas.

Observada essa condição, por qual motivo os funcionários do Ministério da Justiça não foram denunciados? Esse auxílio poderia ser fruto de uma negociação entre

⁴⁹ Dossiê 15/06/1940.

integralistas e o governo, porém porque o investigador do DESPS relatou esse fato em seus relatórios?

Todas essas questões indicam uma complexidade nas relações entre Integralismo e Estado Novo, que serão melhor analisadas no terceiro capítulo. Por hora, essas investigações apresentam o ambiente na qual a CJBI surge como um misto de contradições em se tratando da relação Estado Novo e Integralismo. A conturbada conjuntura nacional e mundial é um particular do Estado Novo, por esse motivo o período é marcado por uma indefinição de inimigos e aliados no campo política institucional. Ambos somente são percebidos com as definições políticas imediatas, ou seja, quando houve a necessidade por parte do governo de cessar o avanço comunista, os integralistas se apresentaram como grandes aliados, mas quando a palavra de ordem passou a ser o anti-facismo, os comunistas tomaram esse posto.

Neste sentido, apresentado o ambiente estadonovista e a situação do Integralismo no período, retorno a questão. Que fatores levaram a fundação da CJBI? Podemos destacar dois fatores principais: o arrefecimento da repressão, consequência do retorno das negociações com o Estado Novo e a necessidade de organizar de forma mais palpável os integralistas da capital. É neste contexto do movimento integralista do Rio de Janeiro que Jaime Ferreira e outros integralistas irão fundar a Cruzada Juvenil da Boa Imprensa.

Capítulo 2

Nacionalismo ou Integralismo

Em 6 de Outubro de 1940 foi realizado o primeiro evento sob o patrocínio da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, essa solenidade marca o início de uma série de semelhantes festas, onde a partir de então, irão se reunir parte dos integralistas do Rio de Janeiro (Cf. anexo nº 2 e nº 6).

Este evento tinha uma grande importância para a CJBI, principalmente porque a apresentava para a capital federal. Além disso, não por acaso, não deixava passar em branco a antiga festividade integralista “Noite dos Tambores Silenciosos”.¹ Deste modo, dada a importância, “os membros da diretoria da CJBI expediram convites ao chefe de governo, aos Ministros de Estado, ao chefe de polícia e a altas autoridades (Cf. anexo nº 9)”.²

Podemos dizer que até este momento a CJBI viveu um período de estruturação, porém fica difícil trabalhar com este marco em se tratando de uma organização que teve menos de um ano de funcionamento, pode-se até interpretar que a CJBI não estava estruturada na época do seu fechamento. Mas tomando como base seu último mês de atuação, pode-se dizer que até Outubro de 1940 essa organização passara por uma fase de estruturação, levo em consideração os seguintes critérios: a aprovação do estatuto, o primeiro grande evento e a constituição de sede própria, na rua do Rosário nº 55.

Passada esta fase a CJBI iniciará sua atuação expondo seus projetos, não só para os integralistas, mas também para a sociedade em geral. O que objetivava seus dirigentes? Que característica apresentou a CJBI na sua atuação? São principais questões que esse capítulo procurará responder.

Para responder tal questão buscarei interpretação na atuação dos principais sujeitos envolvidos com a CJBI, ou seja, a polícia do Estado Novo nas suas investigações e relatórios e a própria Cruzada Juvenil da Boa Imprensa.

Segundo o Cap. Delegado Especial:

¹ A “Noite dos Tambores Silenciosos” comemora o dia do manifesto de 7 de Outubro de 1932. Entendo que apesar da festa acima referida ter sido realizada em 6 de Outubro, o objetivo foi comemorar a festividade integralista. A Noite dos Tambores Silenciosos”, junto do primeiro congresso integralista de 28 de fevereiro e do primeiro desfile integralista de 23 de Abril, são as três principais festividades integralistas.

A fim de dar mais incremento a propaganda partidária e criar um organismo de direção, que disfarçadamente, representasse o partido e como tal pudesse surgir a qualquer momento, foi crêada Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, dirigida pelo Cap. Reformado Jaime Ferreira da Silva, auxiliado por um numeroso grupo de companheiros³.

Frente a essa primeira exposição deste delegado, algumas observações importantes já poderão ser feitas, a primeira é que, segundo o delegado especial, a Cruzada Juvenil da Boa Imprensa é uma entidade formada por integralistas que buscavam uma reorganização, para desenvolver a propaganda partidária. A Segunda questão está implícita na primeira, se buscavam uma organização é porque não tinha nenhuma, naquele momento, que suprisse esta necessidade.

Este delegado, aponta a rápida expansão da CJBI chamando a atenção para a festa de 6 de outubro que, ao seu ver, foi de *“intensa vibração patriótica e partidária, que despertou, de novo, em muitos ingênuos integralistas, aquela sensação de força da época das paradas espetaculares”*.⁴ Depois continua traçando um histórico dos primeiros meses da CJBI, citando a promoção de outras festas e a reorganização dos antigos Plinianos⁵. Termina seu relatório expondo o veredicto sobre o que representava a CJBI:

A Cruzada Juvenil da Boa Imprensa é, pois, a mais alta expressão política do integralismo, aqui no Rio. É uma espécie de Estado Maior partidário órgão consultivo e executivo do chefe provincial Raimundo Padilha que, por intermédio do Cap. Jaime Ferreira, maneja a massa integralista aderente e a mantém unida e obediente.⁶

Neste trecho conclusivo, este relator, chama a atenção para a importância da CJBI, considera-a *“a mais alta expressão política do Integralismo aqui no Rio”*, mesmo tendo ela pouquíssimo tempo de operação. Também relaciona a Cruzada com a hierarquia

² Dossiê 03/10/1940. Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

³ Relatório do Cap. Delegado Especial endereçado ao Major Chefe de Polícia datado de 28/12/1940. Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

⁴ Idem.

⁵ Organização juvenil integralista.

⁶ Relatório do Cap. Delegado Especial endereçado ao Major Chefe de Polícia datado de 28/12/1940. Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

integralista, ligando o suposto chefe provincial Raimundo Padilha a esta organização. Por último, opina sobre o integralismo, ao dizer que “*a massa integralista*” continua “*unida e obediente*”. Portanto, o relatório do Delegado Especial traça uma linha explicativa que entende que o papel da CJBI era a organização ou reorganização dos integralistas da capital, entendendo a atuação como uma maneira disfarçada de promover o Integralismo. Em verdade, ele nem chega realmente a explicitar o conteúdo das festas, apenas as cita como exemplo da expansão da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa.

Opinião diferente era a de Maurício Limbo de Abreu, 1º Vice Presidente da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, quando produz uma versão sobre o papel que desempenhava a Cruzada.

Antes de analisarmos a sua versão, é preciso fazer algumas considerações sobre essa carta. Ela é endereçada ao Presidente da República Getúlio Vargas datada de 02 de Janeiro de 1941, tendo dois objetivos: explicar ao presidente as intenções da Cruzada e defender-se dos primeiros ataques sofridos de órgãos de imprensa.

Em 2 de Dezembro de 1940 realizou-se uma sessão “cívico-literária” no teatro João Caetano, foi uma festa de grande repercussão para a Cruzada Juvenil, chamando a atenção tanto de seus aliados quanto de seus inimigos. São estes últimos, mais precisamente, os jornais “Correio da Noite” e a “Vanguarda”, que irão desferir uma série de ataques a CJBI, taxando-a de integralista. A repercussão desses ataques também foi grande, sendo a CJBI obrigada a produzir uma explicação. Foi cogitado um possível pedido de audiência ao Major Chefe de Polícia, mas “*ficou deliberado que se dirigiriam a S. Excia. o Srn. Dr. Presidente da República, em ofício, passando o 2º secretário a redigir o mesmo*”.⁷

Neste ínterim, foi noticiado pela imprensa, que a Cruzada Juvenil da Boa Imprensa teria produzido e mandado a Plínio Salgado, na época exilado em Portugal, uma moção, o que se confirmado ligaria a CJBI ao Integralismo. Foi neste contexto e para retaliar tais informações que Maurício Limbo de Abreu se dirigiu a Getúlio Vargas.

Sendo assim, o 1º Vice-presidente da Cruzada, traça um histórico desta organização em forma de relatório, delimitando o papel que esta entidade deveria cumprir:

⁷ Relatório de J. Machado Lima, chefe de Segurança Política endereçado a Getúlio Vargas datado de 26/03/1941. Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

“Fundou-se esta Cruzada a menos de três meses. Seus primeiros dirigentes são homens de responsabilidade moral e social, que, atentos ao desenvolver da vida nacional, não ignoram o lugar de relevo que o governo de V. Excia. tem dado ao complexo e delicadíssimo problema da Educação de nosso moços. Desejosos de darem de si, em favor da coletividade, segundo o princípio esculpido na constituição de 10 de Novembro, mais do que eles exigem suas atividades individuais, esse dirigentes da Cruzada escolheram o referido setor educacional com o objetivo de secundar os esforços das autoridades públicas no referido sentido e levar ao conhecimento delas todos os fatores que, oriundas de fontes malsãs, buscam, na sombra, tornar o terreno inadequado a frutificação das boas sementeiras.”⁸

Como se pode esperar, Maurício L. de Abreu, demonstra nesta carta, uma atitude de respeito para com Getúlio Vargas, talvez por estar se dirigindo ao Presidente da República, o que requeria uma certa formalidade, ou, mais que isso, pela própria condição de solidez do governo, que Getúlio vigorava em finais de 1940. Fator que pode explicar também, a atitude colaboracionista esboçada na carta. Contudo, o que nos interessa pelo momento é como ele desenvolve uma versão sobre o objetivo e o papel desempenhado por esta organização.

Em sua versão, os membros da Cruzada definiram o setor educacional como campo de atuação da mesma, ou seja, a educação é a razão de ser da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa. De certa forma, ele deixa subentendido que esta atuação tem um limite, ela é restringida a simples “*secundar os esforços das autoridades públicas*”.

Continuando, Limbo de Abreu, explica que, o “*estatuto dessa nova associação*”, foi constituído “*com fiel observância de todos os preceitos legais*”, chegando a constar “*expressadamente a proibição de seu envolvimento em qualquer assunto ou atividade de ordem política, racial ou religiosa*”, e reafirma que “*seu campo de ação é aquele acima referido sem possibilidade de ocultar ou desfigurar outros propósitos*”.⁹

Como se pode perceber na versão acima, segundo o seu dirigente, a Cruzada está totalmente dentro da ordem vigente, cumpre e aceita o Estado Novo, e por que não, o apóia em seus programas educacionais.

Em seguida, a segunda parte da carta, refere-se a defesa da CJBI, contra os ataques do qual havia sofrido, enaltece a “*franqueza e lealdade*” de Jaime Ferreira da Silva, chama

⁸ Carta de Maurício Limbo de Abreu endereçada ao Presidente Getúlio Vargas em 02/01/1941. Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

⁹ Idem.

a atenção para a *“honestidade de suas intenções e contesta formalmente a maldosa aleivosa adrede preparada, de haver esta diretoria dirigido ao Srm. Plínio Salgado (...) determinada moção”*. Por conseguinte, dá a Getúlio o papel de árbitro, um juiz que decidirá a *“conveniência ou inconveniência da continuação de seus trabalhos”*.¹⁰

Como tratado anteriormente, a opinião do 1º Vice Presidente da Cruzada, difere-se do conteúdo relatório do Delegado Especial. Como poderia se esperar, e levando em consideração o propósito do documento, Limbo de Abreu, apresenta a Cruzada como uma simples organização cultural, fiscalizadora da educação e em conformidade com o governo vigente. Sem *“objetivos ocultos”*, a Cruzada tem a intenção, apenas, de ser uma *“fonte condutora de energia e trabalho capaz de engrandecer o patrimônio intelectual e moral da Juventude Brasileira”*.¹¹

Expostas duas versões divergentes, uma questão se apresenta com grande relevância: Qual das versões esboça uma análise que melhor explique o papel desempenhado pela Cruzada Juvenil da Boa Imprensa no Estado Novo?

A resolução desta problemática implica na utilização de uma bibliografia, que:

Em primeiro lugar, ajude a compreender as políticas adotadas pelo Estado Novo, em relação ao jovem. Para que com isso se possa confrontar essas medidas e perceber até que ponto é válida a versão do representante da Cruzada, quando se refere a sua conformidade com as leis vigentes. Também é necessário avaliar as convergências e as divergências do modelo educacional da CJBI em relação àquele adotado pelo Estado Novo.

Em segundo lugar, a bibliografia nos auxiliará a melhor entender o relatório do Delegado Especial, quando este último coloca que a CJBI tinha a função de reorganizar o Integralismo no Rio de Janeiro, ela nos ajudará a perceber qual era a relação dos dirigentes integralistas mais graduados com a sua CJBI.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

CJBI, Estado Novo e o Tema da Juventude

Retomando um pouco a idéia antes colocada, o representante da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, Maurício Limbo de Abreu, argumenta que sua organização, dentro das disposições legais, busca contribuir com o Brasil através do setor educacional.

O próprio decreto que extingue os partidos em 2 de Dezembro de 1937, permite a sua transformação em “*sociedades cíveis para fins culturais, beneficentes e desportivos*”¹², o que de certa forma, abria espaço para a fundação de organizações como a CJBI. Tendo ela então, cumprido e estado em dia com os dispositivos legais, um outro fator é necessário para a análise da versão de Limbo de Abreu: Qual a importância do jovem para o Estado Novo? Que tipo de política era destinada a Juventude no período?

A tese de doutoramento de Maurício B. A. Parada responde um pouco a essas perguntas. Este autor demonstra que para os dirigentes do Estado Novo, o jovem era fundamental, pelo seu papel no ordenamento social. “*Se a criança poderia ser tratada no âmbito da família e do privado, o jovem não. Como sujeito em transição para a condição de membro da sociedade, o jovem seria um problema fundamentalmente público*”.¹³ Este interesse não era privilégio do Estado Novo: “*nas primeiras décadas do século XX, sociedades baseadas no ordenamento político do Estado-Nação tiveram que produzir políticas públicas para este personagem social, o jovem*”.¹⁴

Junto com os trabalhadores e militares, os jovens terão presença constante nas cerimônias cívicas organizadas pelo Estado Novo.

Se a questão do trabalhismo estava marcada pelo estabelecimento de uma aliança que sustentasse as condições de governabilidade no presente, as referências aos jovens estavam associadas a sustentação do regime no futuro”. (...) Se as massas políticas do passado, devido ao seus vícios, foram responsáveis pelas “ameaças” à segurança da nação fazendo revoluções, as massas do futuro deveriam ser cuidadas e disciplinadas para não apresentar esses desvios e vícios¹⁵

¹² Lex Constituição Federal, 1937. p. 330 a 344 apud CARONE, Edgar. *O Estado Novo (1937 – 1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1977, p. 195.

¹³ PARADA, Maurício Barreto Alvarez. Educando Corpos e Criando a Nação: Cerimônias Cívicas e Práticas Disciplinares no Estado Novo. Programa de Pós – Graduação em História Social, UFRJ. Tese de doutorado. Orientadora: Marieta de Moraes Ferreira, Rio de Janeiro, 2003. p. 93.

¹⁴ Idem.

Por isso, a necessidade de um projeto de educação total para o jovem, que formasse pessoas “*capazes de trabalhar em grupo, unificadas pelos ideais de coletividade, que incluíam a todos, apesar de suas diferenças sociais, em favor de um objetivo maior a construção da nação*”.¹⁶ Segundo os ideólogos do Estado Novo, tendo em vista o panorama mundial, a nação tinha a necessidade de ser fortalecida.

A preocupação com o jovem no Estado Novo vai se materializar em Março de 1940, quando se tem a criação da “Juventude Brasileira”. Esta instituição “*deveria enquadrar toda a infância dos 7 aos 11 anos, toda a juventude, dos 12 aos 18 anos, no movimento de mobilização cívica nos moldes nacionalistas do Estado Novo*”.¹⁷ Porém sua fundação esteve longe de um consenso entre as tendências políticas que compunham o governo. Francisco Campos, Gustavo Capanema e Eurico Gaspar Dutra, disputavam a chefia desta instituição chave.

O Ministro Francisco Campos é o primeiro a formular um projeto, ainda em inícios de 1938, projeto este, que é recusado e arquivado. O debate pela fundação de uma instituição que organizasse a juventude adentra o ano de 1939, quando o ministro da educação Gustavo Capanema, por fim, elabora “*um documento com as principais idéias para a fundação de organização juvenil*”.¹⁸ A lei aprovada em março de 1940 refere-se a “*juventude Brasileira como uma corporação formada pela juventude escolar de todo o país, com a finalidade de prestar culto a pátria*”.

Se atentarmos para o projeto nacionalista do Estado Novo, tomando como foco as medidas apresentadas em relação a juventude, perceberemos que tais medidas se apresentarão muito próximas daquelas da Cruzada Juvenil, quando ela começar a colocar em prática seu projeto de educação. Como deixa entender, em carta ao presidente, para Limbo de Abreu, a Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, é uma organização da juventude que acompanhava o clima nacionalista colocado à frente pelo próprio governo estadonovista, o que até se confirma, se levarmos em consideração e comparamos as medidas implementadas pelo governo e o tipo de educação proposta pela Cruzada.

¹⁵ Ibidem, p. 88 e 89.

¹⁶ Ibidem, p. 92.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Ibidem, p. 139.

O trabalho de Heloísa H. J. Paulo pode nos ajudar a elucidar este ponto. Focada sobre outras questões ligadas a juventude, esta autora chama a atenção, para as duas maneiras principais de atuação do governo do Estado Novo em relação à juventude. Segundo ela, as duas formas diretas de se fazer presente no cotidiano da juventude era: “*através da ação do D. I. P. (Departamento de Imprensa e Propaganda) e no dia-a-dia infante-juvenil, no sistema educacional*”.¹⁹

O Departamento de Imprensa e Propaganda tem a sua atuação ligada à produção e à fiscalização de programas de rádio, do cinema e de peças de teatro. Desenvolve uma agência de notícias, ao mesmo tempo censura jornais e revistas. O D. I. P. tinha a função de divulgar aquilo que era favorável à manutenção de regime. Porém vou me dedicar a análise que esta autora faz do sistema educacional.

Nas suas políticas educacionais, o Estado Novo divide a massa de jovens em praticamente dois grupos: os que aprenderão o ensino técnico - profissional e os jovens que “*intelectualmente participarão da concretização do amanhã*”.²⁰

Para os primeiros apenas: “*a possibilidade de um aprimoramento do mundo do trabalho*”²¹, para os outros: “*a formação de uma elite intelectualizada*”.²²

Segundo Marilena Chauí, o destinatário do discurso integralista é a classe média, além disso, era essa classe que preenchia os quadros da Ação Integralista Brasileira²³, por isso, sendo formada por ex-membros da AIB, como que naturalmente, a CJBI também continuava tendo seus provenientes de extratos sociais médios. Desse modo, se atentarmos para os conteúdos educacionais as reuniões e conferências patrocinadas pela Cruzada, perceberemos que o jovem freqüentador da CJBI fazia parte do grupo social que conduziria a nação.

O jovem que a CJBI tem em seus quadros é idêntico àquele que o governo do Estado novo irá investir com o objetivo de ganhar sua consciência. Para este jovem, tanto a CJBI quanto o Regime vigente irão desenvolver modelos educacionais. O que chama a

¹⁹ PAULO, Heloísa Helena de Jesus. *O D. I. P. e a Juventude no Estado Novo (1939/1945): Análise de uma Ideologia Através do Discurso de um Órgão de Propaganda Estatal*. UFF, Dissertação de Mestrado, orientação: Francisco José Calazans Falcon, Niterói, 1986. p. 20.

²⁰ Ibidem, p. 22.

²¹ Ibidem, p. 21.

²² Ibidem, p. 22.

²³ CHAUI, op. cit., p. 53.

atenção sobre este ponto é que estes modelos, se comparados, vão se apresentar parecidos ou mesmo idênticos.

Segundo Helena Paulo, o modelo educacional do Estado Novo era conduzido da seguinte maneira:

O nacionalismo se transforma no principal tema de disciplinas como a História e a Geografia. A Educação Moral e Cívica, ainda que não se apresente como disciplina formalizada no currículo, está presente na vida escolar desde as aulas de canto orfeônico até as solenidades de hasteamento da bandeira nacional”. Referenciam-se os grandes vultos da história brasileira. Personagens, como Caxias, são tomados como heróis nacionais. A história ensinada nos estabelecimentos de ensino retoma o culto ao herói, o personalismo. Abundam as biografias dos grandes nomes ligados aos marcos históricos do Brasil: o descobrimento, a independência, a proclamação da República e a Revolução de 1930.²⁴

É deste modo que os dirigentes do Estado Novo pretendem desenvolver na consciência dos jovens brasileiros a importância do regime. Posto isso, colocadas as políticas Estadonovistas em relação à juventude, resta agora comparar essas medidas com aquelas tomadas pela Cruzada no seu projeto de educação juvenil, objetivando, contudo, buscar uma explicação sobre a versão de Limbo de Abreu.

Se observarmos, no estatuto, o primeiro documento expedido pela Cruzada, que traz nas suas proposições uma série de finalidades oficiais que estão incorporadas de nacionalismo, culto a heróis nacionais e educação moral e cívica, verificamos que estão muito próximas do modelo educacional exemplificado acima por Helena Paulo, vejamos:

2º São seus fins:

- a) Difundir por todos os meios, a boa leitura, isto é, que trace as novas gerações sadios rumos espirituais, cívicos e morais, bem como os princípios de defesa da saúde, alicerce do revigoramento da raça.
- b) Promover reuniões, conferências, espetáculos teatrais, visitas a monumentos e a lugares históricos, procurando familiarizar a criança com a vida dos grandes homens da história do Brasil.²⁵

²⁴ PAULO, op. cit. p. 23.

²⁵ Estatuto da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa. Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

O estatuto poderia passar despercebido como um documento apenas formal, que objetivasse expressar somente alguns princípios. Mas o que se mostra, a partir das investigações dos detetives do DESPS, é o cumprimento de grande parte deste estatuto, quando a Cruzada começar sua atividade.

Quase que semanalmente se realizavam reuniões na Cruzada juvenil da Boa Imprensa, como coloca o investigador do DESPS:

Como vem acontecendo, todas as quintas-feiras, a Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, realizou mais uma reunião (das 17 às 18 hs), presidida pelo capitão Jaime Ferreira da Silva. Nesta reunião, o sargento da Polícia Militar de nome Leopoldino, informou, que, os integralistas, pretendem, no próximo dia 22, comemorar o aniversário de Plínio Salgado, com uma missa em ação de graças na catedral e uma festa na S. D. P. Filho de Talma²⁶

Elas tinham a função de reunir os membros dessa organização e divulgar seus eventos. A proposta para estes encontros era promover atividades educacionais, objetivando entre outras coisas, *“familiarizar a criança com a vida dos grandes homens da história do Brasil”*.²⁷ Na preocupação com a educação dos brasileiros, a história, ou melhor, a interpretação que se faz dela tinha lugar de destaque tornando-se uma prioridade exposta em seu estatuto. Para os membros da Cruzada, um povo forte deve conhecer a sua história, é a partir desse pressuposto que as periódicas reuniões realizadas em sua sede irão homenagear algum desses heróis mitológicos:

A homenagem a Tiradentes constou de duas partes: uma artística e outra literária (...) foram executados números de música e de poesia alusivos a Tiradentes. Foram declamadas poesias e contadas anedotas. Depois da representação de um número teatral, alusivo aos estados do Brasil, o diretor da revista “Era Uma Vez” foi apresentado aos presentes (...).²⁸

Se observarmos, esta é a mesma função que se colocava o governo do Estado novo quando delimitava os marcos históricos que deveriam ser lembrados, entretanto, esta não é a única coincidência. Entre esses dois projetos educacionais, quando se referem a história, ao personalismo e à transformação de personagens como Caxias em heróis nacionais,

²⁶ Dossiê de 30/01/1941. Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

²⁷ Estatuto da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa. Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

²⁸ Dossiê 24/04/1941. Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

aparecem de forma muito próxima das comemorações da Cruzada. A nota do Jornal “Gazeta de Notícias” expõe esse ponto:

A Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, fundada para incentivar ainda nas nossas crianças o gosto pelas boas leituras e o estudo das páginas mais brilhantes da nossa história de acordo com a letra dos seus estatutos, tem realizado os maiores esforços, para que o patrono do nosso exército tenha no coração dos brasileirinhos o lugar de honra a que tem jus.²⁹

Portanto, a Cruzada se colocava na função de instruir sobre o que seria realmente um fato histórico que deveria ser lembrado. Normalmente esses encontros contavam com a presença de pessoas que não eram membros dessa organização, além de integralistas não cruzadeiros, é o nacionalismo expressado nas apresentações e discursos atraíam grande número de pessoas:

Na última sessão da CJB1 (...) os trabalhos foram divididos em duas partes. A primeira constou de poesias e números de canto (canções militares) interpretados por crianças e alunos do colégio Andrade (...). A segunda de discursos pronunciados pelo jovem Dail de Almeida (de Niterói), Cap. Jaime Ferreira e o Cel. Waldemar Cotta. Dail de Almeida fez um belíssimo estudo da vida do Gal. Osório, e, de maneira disfarçada, procurou enaltecer a obra que está sendo executada pela Cruzada, em prol do integralismo (...). Estiveram presentes cerca de trezentas pessoas, entre as quais, vários marinheiros, soldados do exército e da polícia militar e numerosos civis (...).³⁰

Se nas reuniões percebia-se a presença de não integralistas em eventos da Cruzada, os eventos porventura realizados fora de seu espaço físico irão confirmar ainda mais esta tendência. No estatuto da Cruzada constava como um dos fins de sua criação a “*visita a monumentos e lugares históricos*”, como os demais objetivos, este a Cruzada também irá cumprir. Nestes eventos se agregarão maiores quantidades de pessoas atraídos pelo conteúdo das comemorações. Sobre um desses eventos, assim descreve o inspetor do DESPS:

²⁹ Notícia do jornal “Gazeta de Notícias”, contida no dossiê de 22/08/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

³⁰ Dossiê de 26/05/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

A Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, conforme constava de seu programa, realizou, ontem, no cemitério de São João Batista, a concentração em homenagem a Santos Dumont. Estiveram presentes, entre a numerosa assistência, elementos de certo nível social residentes nos bairros de Copacabana, Botafogo, Gávea, antigos membros dos núcleos integralistas dos referidos bairros, e, pessoas alheias ao verdadeiro objetivo da cerimônia que ali compareceram, apenas, por acaso (...). O discurso do Cel. Waldemar Cotta, foi pouco violento, porém, pontilhado de frases verdes, como as seguintes: “Devemos estar prontos para a luta”. Temos necessidade de cerrar fileiras para defender o Brasil contra toda e qualquer pressão externa e contra qualquer tentativa, que, como a dos irmãos Wrigth, vise diminuir nosso prestígio.³¹

É possível verificar que, para o investigador do DESPS, alguns dos simpatizantes do nacionalismo que participavam da concentração em homenagem a Santos Dumont estavam naquele local apenas “por acaso”.

Entendo que no calor da investigação e guiado pelo afã de querer relatar a ligação da CJBI com o integralismo, tal investigador, não levou em consideração que o ato de homenagem a um dos “heróis nacionais” interessava a muitas pessoas que não eram integralistas, mas que apenas se identificavam com a comemoração proposta pela Cruzada Juvenil da Boa Imprensa.

Já explicitei as atitudes nacionalistas tomadas pelos dirigentes estadonovistas, o que criava um clima propício à frutificação de qualquer tipo de organização que de alguma forma exaltasse o nacional. Portanto, podemos dizer que existia no início da década de 40 um clima nacionalista. Este clima é utilizado pela Cruzada como fator de promoção de si própria, mas não como coloca o Delegado Especial da Polícia Getulista, que entende que o nacionalismo da Cruzada era apenas uma estratégia para disfarçar o integralismo. No meu entender, a CJBI, não promovia eventos de ordem nacionalista, de fato veremos no prosseguimento do texto que essas solenidades vinculavam propostas integralistas, mas isso não significa que os cruzadeiros utilizavam o nacionalismo somente como estratégia, a tendência nacionalista de seus eventos foi uma condição que acabou se criando; primeiro para a própria da CJBI como organização e segundo pela ditadura que vigorava no período, que inibia a tomadas de posição políticas públicas.

³¹ A polêmica que Waldemar Cotta se refere diz respeito ao não reconhecimento por parte dos Estados Unidos do pioneirismo de Santos Dumont em inventar o Avião. Dossiê de 28/07/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

Além disso, um outro ponto importante a se considerar neste caso é que a distância entre o discurso integralista e o discurso nacionalista aplicado pelo Estado Novo é um tanto quanto tênue, o que dificultava a diferenciação das propostas, fato do integralismo ser um ramo do nacionalismo. Entretanto, frente à apresentação das características de ambos os projetos (CJBI e Estado Novo) o percebemos é que há uma notória convergência de projetos.

Até agora na busca do entendimento do discurso de Limbo de Abreu, foram apresentadas as convergências entre os projetos Estadonovistas e o projeto Cruzadeiro. Esta conformidade de projetos, até então, nos permite pensar que tal representante da Cruzada tinha argumentos sólidos ao defender a sua organização acusada de integralista, como sendo apenas uma simples representante do nacionalismo e apoiadora da política do Estado Novo. Mas não só de convergências viviam ambos os projetos, diferenças também são observadas, e como proposto, também verificaremos a presença de elementos que se diferenciavam da política do Estado Novo. Nesta análise, perceberemos o conteúdo do conjunto de diferenças e se elas são relevantes a ponto de se contraporem a versão de Limbo de Abreu. Deste modo, são os registros dos detetives do DESPS que me fornecerão os elementos para tal análise.

Nas homenagens aos “Heróis Nacionais”, de modo geral, há uma concordância entre os projetos, no relato feito pelo detetive dos DESPS sobre a reunião que homenageou Tiradentes, cujo conteúdo, em parte, já citei, este afirma terem os componentes da mesa, *“feito discursos inteiramente integralistas”*, colocando como exemplo o próprio Jaime Ferreira, afirmando que este último *“procurou estabelecer uma relação entre os fatos que motivaram a execução do mártir Tiradentes e a atual obra dos integralistas”*.³²

Em 26 de maio deste mesmo ano, na sessão onde se *“fez um belíssimo estudo sobre a vida do Gal. Osório”*, o investigador do DESPS presente, constatou *“algumas palavras alusivas ao integralismo, pronunciadas pelo Prof. Andrade”*, e nessa mesma linha, chamou a atenção para o discurso de Dail de Almeida, que *“de maneira disfarçada, procurou enaltecer a obra que está sendo executada pela Cruzada, em prol do integralismo”*.³³

³² Dossiê 24/04/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

³³ Dossiê 26/05/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

Os exemplos de relatórios que trazem essa questão demonstram como a militância integralista não foi, em grande parte, esquecida, principalmente nos discursos, isto é, na forma de interação entre dirigentes da CJBÍ e o público em geral. Mas estes discursos abrem um flanco no debate sobre o papel da CJBÍ, mais especificamente, para a versão do papel esboçado por Limbo de Abreu. Pode-se dizer que a CJBÍ era nacionalista mesmo expondo discursos de caráter integralistas?

No meu entender não, se caso as palestras versassem conteúdos de caráter integralista ou promovessem o integralismo, logo estaria provado que a CJBÍ não seria uma organização simplesmente nacionalista como colocava Limbo de Abreu. Deste modo, ela seria uma organização integralista divergente do modelo educacional nacionalista do Estado Novo, fazendo a versão do seu representante ficar distante de explicar o seu papel.

Mas como foi colocado, as palestras da CJBÍ tinham conteúdos nacionalistas, o que estaria em questão era se as frases integralistas inseridas mudariam esse conteúdo. No discurso pronunciado pelo Cel. Waldemar Pereira Cota, na época presidente da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, numa sessão comemorativa da “Semana Santos Dumont”, foi extraído o seguinte trecho:

Cruzadeiros! Acabamos de ouvir a palavra do cruzadeiro Jaime Ferreira e do acadêmico Emerson Parentes, sobre a vida do grande Alberto Santos Dumont, exemplo que nos anima a admirar esses pássaros metálicos! O companheiro falou em Icaro, que, colou ao corpo, de cera, as suas de penas, e, que, não ouviu os conselhos de seu pai, para não subir muito alto, porque, o calor do sol derreteria a cera. Icaro esqueceu os conselhos. **Estes mesmos conselhos não modificam o nosso pensamento integral com o frio ou com a alta temperatura, saímos mais integralistas de nossas novas concepções³⁴.**

Logo após a prestação de homenagens a Santos Dumont, o Cel. Cotta, segundo o investigador do DESPS, utilizou a palavra “integralismo” em seu discurso. Na minha concepção, este tipo de citação influi no contexto da homenagem, pois as palavras ou frases alusivas ao integralismo fazem desse discurso um propagandeador de tal doutrina, ou seja, muda o conteúdo do discurso. Esta característica apresentada tem uma importância significativa, pois é um diferencial no conteúdo dos eventos.

³⁴ Esta fala segundo investigador do DESPS foi reproduzida na íntegra. Dossiê 24/07/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ. (Grifos do autor)

Um outro ponto que entra no ramo das diferenciações entre os discursos analisados é no que se refere a presença de Plínio Salgado muitas vezes substituindo o nome de Getúlio Vargas como figura principal.

Na reunião de 16 de janeiro de 1941, *“o sargento da polícia militar de nome Leopoldino, informou, que, os integralistas, pretendem, no próximo dia 22, comemorar o aniversário de Plínio Salgado com uma missa em ação de graças (na Catedral) e uma festa na SDP Filhos de Talma”*.³⁵

A citação nos permite pensar que Plínio Salgado era uma figura importante para a Cruzada, visto que seu aniversário deveria ser comemorado. Se a Cruzada era uma organização nacionalista e seus eventos eram de ordem nacionalista, essa comemoração nos faz pressupor que Plínio Salgado, na visão dos cruzadeiros, era uma figura importante para o Brasil. No contato com a documentação do DESPS não foi verificado a comemoração de nenhum aniversário de pessoas vivas, a não ser o de Plínio Salgado, mesmo porque, a Cruzada, como constava em seu estatuto, só fazia homenagens póstumas, nem o aniversário de Getúlio Vargas, em 19 de Abril, teve algum tipo de comemoração, talvez para os cruzadeiros Getúlio Vargas não fosse um herói nacional que deveria ser lembrado.

Neste ínterim, o nome de Getúlio Vargas era citado pelos dirigentes da Cruzada, ou mesmo homenageado se forma secundária, como na festa preparada para a comemoração do aniversário do Imperador Pedro II, onde quando declarada publicamente que se *“também estava prestando uma homenagem ao Presidente da República Getúlio Vargas”*, esta informação, *“não foi bem recebida”*.³⁶

De fato Getúlio Vargas, diferentemente dos eventos do Estado Novo, é muito pouco citado nos eventos produzidos pela Cruzada, em alguns momentos, tem-se a impressão que Plínio Salgado o substitui. De fato, Salgado retira de Getúlio o papel de figura principal nos eventos da Cruzada. Esse ponto é fundamental, pois toca num ponto importante da característica do evento do Estado Novo, que refere-se a divulgação da figura de Vargas. Deste modo, o ato de, em alguns momentos, citar ou mesmo homenagear Plínio Salgado, n

³⁵ Dossiê 16/01/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

³⁶ Dossiê 03/12/1940, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

dão aos eventos da Cruzada uma característica integralista, além disso, comprovam que a Cruzada era formada por indivíduos que tiveram profunda ligação com o integralismo.

Algumas práticas também exprimem diferenças entre os eventos do Estado Novo e os patrocinados pela Cruzada, por isso, elas têm um papel de relevância para determinada análise.

Podemos começar pela troca do Anauê, a antiga saudação integralista, pelo seu semelhante, “Pelo Bem do Brasil”, saudação usual dos Cruzadeiros. O investigador dos DESPS verifica tal mudança:

O fotógrafo Sales, do Palácio Guanabara, ao passar pelo Srn. Holanda, saudou-o com uma frase “Pelo Bem do Brasil”, que é pronunciada pelos integralistas, em substituição ao primitivo “Anauê.”³⁷

Uma outra prática que permanecia desde os tempos de atuação na Ação Integralista Brasileira era a de cantar o hino nacional somente até a primeira parte, deixando a segunda parte a cargo dos demais.³⁸ Por último, a presença da cor verde nos diversos eventos que de forma emblemática delimitava a ligação dos participantes desses eventos como o Integralismo.

No geral, todas essas práticas integralistas, são pontos de diferenciação entre ambos os projetos analisados, na maneira de trabalhar o nacionalismo. Os eventos do Estado Novo não tinham ligação alguma com o Integralismo, já nos organizados pela Cruzada, o integralismo é sempre presente, isso faz dos eventos cruzadeiros um propagandeador da doutrina integralista comprometendo a versão de Limbo de Abreu que apenas relacionava ao nacionalismo os eventos dessa organização.

Portanto, expostas as convergências e as divergências desses projetos educacionais, a conclusão que essa análise me permitiu chegar foi que a versão de Limbo de Abreu apesar de ser bem contundente na sua análise no que se refere a convergência dos projetos não levou em consideração o caráter integralista dos dirigentes e dos eventos que apresentavam um nacionalismo sob as bases do integralismo. O próximo tópico dedicarei a versão da polícia.

³⁷ Dossiê 13/07/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

O Integralismo Reorganizado: o argumento da DESPS

A presença de dossiês referentes a organizações taxadas de integralistas, anteriores a CJBI, nos permite concluir que, esta última, já nasceu sendo investigada. Desde o início de suas atividades a polícia do Estado Novo relacionava tal organização à Ação Integralista Brasileira, os principais fatores que faziam estes investigadores caminharem para determinado entendimento eram: os dirigentes, em sua maioria militantes da AIB, os sócios da organização, também, em grande parte, ex-integralistas e as práticas que, segundo a polícia política, eram um dos principais fatores que faziam dessa organização uma herdeira do integralismo.

Frente a isso, podemos destacar dois tipos de documentos expedidos, os relatórios dos investigadores e os relatórios de seus superiores (chefes de sessão e delegados). No relatório datado de 28/12/1940, transcrito pelo Delegado Especial Felisberto Batista, já abordado, se desenvolve uma versão sobre o objetivo da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa. Segundo ele, esta organização teria sido criada para reorganizar o integralismo no Rio de Janeiro, devido ao arrefecimento da repressão aos membros da antiga AIB. O que me proponho a analisar, a partir de agora, é a fundamentação do argumento desse delegado, e até que ponto explica o papel desempenhado pela CJBI no Estado Novo.

Como vimos, a tentativa de golpe de Maio de 1938 é um marco importante para o integralismo, pois, após este ato de sublevação, a AIB, além de estar proibida de funcionar, seus membros começaram a ser perseguidos, causando uma grande desarticulação do movimento. Neste sentido, se comparados com a maioria dos integrantes da antiga AIB, as figuras principais foram poupadas pela repressão estadovista.

Fazia parte dos chefes integralistas de São Paulo, o jurista Miguel Reale, este último, teve poucos problemas com a repressão, um dos motivos por que fora poupado era por não ter tido nenhuma relação com a tentativa de golpe acima referida.³⁸ O mesmo não aconteceu com Gustavo Barroso e Raimundo Padilha, que no dia seguinte após a tentativa de golpe

³⁸ Dossiê 03/10/1940, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

³⁹ DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO PÓS 30. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, p. 4909.

foram presos. Raimundo Padilha chega a ser condenado a 3 meses de prisão pelo Tribunal de Segurança Nacional.

Das figuras principais do Integralismo, podemos destacar o seu chefe, Plínio Salgado. Apesar das tentativas de golpe terem sido perpetradas pelos membros da Ação Integralista Brasileira, o seu líder máximo, “*não foi detido nem incluído na denuncia feita em 19 de Agosto de 1938 pelo procurador do Tribunal de Segurança Nacional, Himalaia Virgulino, contra os líderes da revolta.*”⁴⁰

Para Carone, há dubiedade nas atitudes do governo do Estado Novo, pois “*o ataque ao integralismo continuava a ser feito contra os pequenos, enquanto os líderes da Ação Integralista Brasileira permaneciam livres ou foragidos e nunca eram descobertos pela polícia.*”⁴¹

Já vimos que Plínio Salgado acabou partindo para o exílio em Portugal, quando a partir desse momento irá se contactar com os integralistas no Brasil através de manifestos e ordens intermediadas, no caso do Distrito Federal, por Raimundo Padilha.

Portanto, tornar-se fundamental a análise desses manifestos e cartas transcritos por Plínio Salgado, nos primeiros anos do Estado Novo, pois, a partir disso, podemos buscar um entendimento sobre as suas posições políticas, tanto em relação a Getúlio Vargas quanto em relação ao integralismo. Essa análise nos fornecerá elementos para interpretarmos a versão policial e para isso responder: A CJBI foi criada para reorganizar o Integralismo? Qual era a relação efetiva de Plínio Salgado com a CJBI?

Três documentos irão nortear a nossa compreensão sobre as posições políticas de Plínio Salgado no período analisado, são eles: o Manifesto de Maio de 1939, uma Carta a Raimundo Padilha de Agosto de 1940 e o Manifesto de Setembro de 1941. Iremos analisá-los em ordem cronológica por acharmos importante a percepção da evolução do discurso do Chefe integralista.

Segundo Carone, “*o Manifesto de Maio é o documento em que ele (Plínio Salgado) se despede de seus companheiros no momento de partir para Portugal*”⁴², tem como fim traçar, a partir daquele momento, alguns termos de atuação para os integralistas.

⁴⁰ Ibidem, p. 5204.

⁴¹ CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1977, p. 206.

⁴² CARONE, Edgard. *A Terceira República (1937-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1976, p.462.

Plínio Salgado voltava a se reportar aos integralistas depois que manteve uma espécie de silêncio oficial para com os antigos “companheiros”, não se manifestando publicamente desde a malograda tentativa de golpe em maio de 1938, contudo sua intenção era dirigir-se *“a todos aqueles que, durante seis anos, estudaram, compreenderam e aceitaram as idéias que havia exposto; a fé em Deus o amor a pátria, o ideal da unidade nacional, a prática das virtudes cristãs, o culto dos heróis brasileiros e dos episódios militares da nação”*⁴³. Neste ínterim, chamava a atenção para esses ensinamentos e em face da situação do integralismo naquele momento, julgava oportuno orientar todos aqueles que comungavam de tais idéias. Deste modo, colocava, *“recomendo-lhes na hora presente, que se abstenham de quaisquer agitações subversivas e de manifestações de caráter político, perturbadoras da ordem pública”*.⁴⁴

Não só a situação do integralismo incitava a escrita do Manifesto, a situação mundial também dava motivos para a sua escrita, pois, *“o panorama sombrio do mundo exige que todos os brasileiros se unam no terreno comum do amor a pátria”*⁴⁵. Portanto, devido a situação mundial, em sua versão, era necessário uma união de forças políticas brasileira para o bem da nação.

O combate ao comunismo não poderia deixar de ser citado neste documento, que objetivava montar *“uma barreira de vontades esclarecidas a ameaça bolchevista”*.⁴⁶ Por isso, frente a essas duas questões de ordem política, o panorama mundial e a ameaça bolchevista, Plínio Salgado chama a atenção para a responsabilidade histórica que tem os integralistas, e assim coloca:

Se, neste momento, promovemos agitações, corremos o risco de sermos acusados, no futuro, como responsáveis pela desunião dos brasileiros, ou como empecilho àqueles que acima de tudo, queiram firmar na unidade espiritual da pátria a sustentação do nosso prestígio externo e da soberania nacional⁴⁷

⁴³ Manifesto de Maio, Folha da Manhã, 16/05/1939. apud Carone, Edgard. *A Terceira República (1937-1945)*. Rio de Janeiro, Difel, 1976, p. 462 a 465.

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Idem.

O trecho acima é o argumento que o chefe integralista se utiliza para pedir apoio ao Governo Getúlio Vargas. No desenrolar do texto, indaga: “*Qual a orientação, pois, que vos recomendo? A orientação da paz, da ordem, da abstenção de quaisquer agitações*”. Neste sentido o perfil do integralista deve ser “*vivo e ativo, pacífico e trabalhador, ordeiro e vigilante, calmo e desperto, para tudo dar ao Brasil quando ele vos pedir*”. No final desse pequeno texto, mais uma vez, faz uma conclamação: “*uni-vos brasileiros, respeitando as autoridades constituídas e não perturbando, de forma alguma, a ordem pública*”.⁴⁸ Deste modo, o que podemos observar é que, Plínio Salgado, orienta os integralistas não só a colaborarem com o Chefe da Nação, mais que isso, orienta à obediência aos poderes constituídos.

A importância desse manifesto se dá quando atentamos que só depois de dois anos e alguns meses é que Salgado irá se reportar novamente, publicamente, aos integralistas. Nesse ínterim, as correspondências dirigidas aos líderes integralistas aqui no Brasil é que serão a única forma de contato com os adeptos da antiga AIB. Contudo, boa parte dessa documentação, seria exposta publicamente numa coleção de textos de Plínio Salgado publicados posteriormente com o título de “Integralismo Perante a Nação”.

Raimundo Padilha, segundo Edgard Carone, é quem recebe as instruções providas de Plínio Salgado, quando este se encontra no exílio. Levando em consideração tal afirmação, busco numa dessas correspondências endereçadas a Padilha, alguns pontos que me indiquem a posição política do chefe integralista.

A carta que analisarei é datada de 20 de Agosto de 1940, seu conteúdo versa sobre algumas resoluções tiradas depois da visita do Gal. Francisco José Pinto, Chefe de Gabinete Militar de Getúlio Vargas, à Plínio Salgado, em Lisboa. Neste ínterim, é traçada uma versão dos fatos ocorridos em relação ao golpe de novembro de 1937 e o acontecido posterior.

Segundo o Chefe Integralista, a missão do General Pinto era propor uma cooperação dos integralistas para com o governo do Estado Novo: “*respondi-lhe que estava disposto a tomar parte no governo do Brasil, dentro dos meus pontos de vista já manifestados em 1937, 1938 e 1939.*”⁴⁹ O líder integralista aceita a proposta feita pelo representante do Estado Novo e por conseguinte dá a Gustavo Barroso o poder de conduzir as negociações.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Carta de Plínio Salgado a Raimundo Padilha datada de 20 de Agosto de 1940. *Integralismo Perante a Nação*. 3º Ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira S. A, 1955, p. 155 a 158.

Por isso, o objetivo dessa carta é justificar o início das negociações com Getúlio Vargas, além disso, comunica a Padilha que será Gustavo Barroso que conduzirá essas negociações, alijando-o do processo. Deste modo, Plínio Salgado coloca:

Depois de outras conversas cordiais, o General me pediu que Gustavo Barroso fosse a pessoa indicada para receber qualquer proposta do presidente ao Integralismo, o que concordei, pois penso que enquanto esses assuntos andarem no terreno das propostas, você não deve intervir. Além disso, não quis eu forçar o assunto mas deixa-lo correr normalmente. O Gustavo Barroso é excelente companheiro, disciplinado, dedicado e na ocasião oportuna mandar-me-á as comunicações que houver, por seu intermédio.⁵⁰

É importante se levar em consideração que Salgado reescreve todo o processo histórico desde o golpe de novembro de 1937 para justificar seu ato. Como expõe o chefe integralista, não houve interferência sua neste golpe:

limitei-me a não me envolver, desde que o presidente nos garantisse que não teríamos uma ditadura do tipo nazista, mas uma democracia orgânica de fundamento cristão (...) pedíamos que fosse assegurado (...) o direito de continuarmos nossa obra de pregação cívica, de formação da consciência nacional, de cultura social e política e propaganda do legítimo e sã patriotismo.⁵¹

Frente a isso, coloca Salgado, “*esse direito foi-nos negado*” e houve a “*supressão completa de todas liberdades do país*”. Apesar desse grande retrocesso para o integralismo, o oferecimento da pasta de educação a ele “*demonstraram e demonstrarão (...) que o presidente Vargas nunca nos considerou elementos perniciosos, nem homens orientados por ideologia estrangeira, nem um partido ligado ou mesmo relacionado com partidos estrangeiros*”. Neste trecho, Salgado, poupa a figura de Getúlio Vargas do acontecido ao integralismo e dimensiona o convite a pasta de Educação como o “*maior documento a nosso favor*”. Entretanto, “*o fato é que eu não podia aceitar o convite, pois não concordava com o sistema do Estado Novo*”. Apesar de “*muitos temas de sua propaganda fossem bebidos em nossa própria doutrina e algumas idéias bem nossa*”.⁵²

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Idem.

⁵² Idem.

Ao atentarmos para esta última colocação, percebemos que Salgado liga o Estado Novo, pelo menos o seu corpo teórico, ao integralismo, sendo o governo instituído compartilhador de grande parte dos projetos integralistas.

*“Depois; vieram os acontecimentos que todos nós sabemos. Veiu a Revolução”, Salgado está se referindo à tentativa de golpe de maio de 1938, entretanto, o “Presidente Vargas, apesar de tudo isso não deixou de dispensar-me a maior consideração (...) tanto que no ano passado convidou-me para um lugar na diplomacia”. Mas, “como a situação do Estado Novo era a mesma, não aceitei”.*⁵³

Todo o discurso de Plínio Salgado em carta ao seu correligionário mais próximo, tem um tom de colaboração. Apesar de falar o tempo todo em início das negociações com o Estado novo, o que se verifica é uma atitude colaboracionista, aproximando-se, desta forma, do manifesto de 1939. Porém, esta carta se torna mais importante para se entender o posicionamento político de Plínio Salgado, pois diferentemente do manifesto, aberto não aos integralistas mas também para a população em geral, a carta é um documento entre particulares, que exprime privilegiadamente a ordenação do pensamento do chefe do Integralismo. A partir dessa carta podemos confirmar que Plínio optou por colaborar com o governo estadonovista, endossando a sua posição de apoio primeiramente exposta no manifesto de 1939.

Em setembro de 1941, Plínio Salgado, ainda exilado em Lisboa, expedirá, no dia 7 de Setembro, um manifesto aos integralistas brasileiros, cujo conteúdo será analisado no prosseguimento do texto.

“Integralistas!”, mais uma vez o chefe voltava a se manifestar, o discurso era muito próximo daquele apresentado em Maio de 1939 e o contido na carta à Padilha: apoio incondicional ao governo constituído. A ligação de ambos os manifestos é feita pelo próprio Plínio Salgado, que discorre um resumo e faz citações de temas contidos no último manifesto.

O Manifesto de 1939 teve sua importância ao alertar sobre a situação mundial, mas passado pouco tempo, *“em setembro daquele ano começou a guerra na Europa. Os meses de 1940 foram desenrolando novos e crescentes episódios cuja órbita de interesse transpunha consecutivas fronteiras indo ecoar em todas as regiões da terra. (...) A medida*

⁵³ Idem.

*que os acontecimentos assim evoluíam, toda a minha atenção se concentrava em nossa pátria”, por isso, “é chegado um instante que julgo imperioso dever falar-vos novamente”.*⁵⁴

Para Salgado, a situação mundial havia piorado desde o Manifesto de 1939, a guerra era um exemplo claro, mas também o “*fantasma do bolchevismo*” era um problema grave, que se apresentava “*sob as máscaras mais diversas*”. A conjuntura traçada era de calamidade, a luta, a partir de seu olhar histórico, era de nações contra nações, que se dividiam em fortes e fracas, o Brasil cedo ou tarde seria obrigado a tomar posições como uma nação soberana, neste contexto, “*diante desse espetáculo oferecido pelo mundo de hoje que vejo a necessidade da união dos brasileiros esquecidos de muitos agravos ou divergências e animados pela deliberação firme de defender nossa pátria em qualquer circunstância*”.⁵⁵

Portanto, a justificativa do texto abarca uma grande questão, a união dos brasileiros, é por causa disso, que Plínio Salgado, diz escrever aos integralistas. No decorrer do manifesto ele explica como se daria essa união de brasileiros pelo bem do Brasil:

Esta forma consiste em darmos o nosso integral apoio ao atual governo do Brasil, em tudo o que ele houver de empenhar para defender a integridade da nossa soberania e independência, para salvaguardar a família brasileira contar o comunismo e todos os fatores dissolventes da nacionalidade⁵⁶

Ou seja, para Salgado, a união dos brasileiros perpassava pelo apoio a Getúlio Vargas, ele restringe todas formas de patriotismo a uma imediata colaboração como governo vigente nas suas políticas, colocando-se, “*coletivamente*”, ao dispor “*no sentido de lhe prestar quaisquer serviços que os acontecimentos que por ventura tornem necessários*”.⁵⁷

Mas a argumentação de Salgado, para o apoio a Getúlio, não só se restringe a conjuntura mundial, na sua leitura, “*os fundamentos ideológicos da doutrina integralista são os mesmos que inspiraram a constituição de 10 de Novembro*”. E isso ele explicita da seguinte maneira:

⁵⁴ Manifesto de Setembro. Lisboa, 07/09/1941. In: Pasta GV, CPDOC, Fundação Getúlio Vargas.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Idem.

Tanto é verdade não haver diferença entre a nossa doutrina política e a que inspira o atual regimen brasileiro, que uma a uma das aspirações integralistas estão sendo realizadas pelo Estado Novo. A abolição das bandeiras estaduais, a extinção dos partidos políticos, a supressão do sufrágio universal, a restrição das autonomias estaduais, a federalização das milícias dos estados, o fortalecimento do poder central, tudo isso eram os pontos do nosso programa, pelos quais nos vínhamos batendo ao longo dos anos, pela imprensa, pelo livro e pela tribuna.⁵⁸

Organizada esta leitura sobre o Estado Novo, o apoio a tal regime, se torna evidente, segundo Salgado, *“nada nos impede de apoiar o atual regimen no Brasil”*, ou mais que isso, *“moralmente nos sentimos levados a tal atitude”*. Estando as atenções voltadas para o panorama mundial, que adentrava no segundo ano de guerra, era necessária a união de todos os brasileiros, entendendo o governo vigente bem próximo das proposições pregadas pelos integralistas durante quase toda a última década, Plínio salgado encerra o manifesto propondo. *“Quais os atos de caráter político que devem os integralistas praticar? Respondo que nenhum, de própria iniciativa, pois sendo a doutrina que inspira o governo, a mesma que nos inspira, e os seus objetivos os mesmos que aspiramos, será supérflua, de nossa parte, toda ação isolada de caráter político”*.⁵⁹

Aparentemente os integralistas são orientados a não tomar atitudes políticas, só que no decorrer do manifesto, o Chefe se contradiz, o que a principio seria uma abstenção do processo político, passa a ser apoio incondicional a Getúlio Vargas, confirmando tal suposição, ele indaga: *“Como se traduzirá, então, a utilidade de nosso apoio?”*.

Traduzir-se-á no cumprimento dos nossos deveres de cidadãos respeitadores das leis e das autoridades: na prática das virtudes cívicas e particulares(...) no culto da história e dos símbolos da pátria, formando no seio dos lares os corações daqueles que vos sucederão empunhando e levando para o futuro o facho crepitante da sobrevivência e perpetuidade do Brasil(...) e, finalmente, se traduzirá na sinceridade absoluta e no mais luminoso cavalheirismo e lealismo com que vos portareis, perante o governo brasileiro, a quem dais o nosso apoio nesta hora grave do mundo⁶⁰

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ Idem.

Desta forma, o manifesto não indica uma posição de abstenção política frente, às atitudes dos dirigentes do Estado Novo, ao contrário, a diretiva do chefe nacional integralista chama seus partidários para uma tomada de posição política a favor de Getúlio “*no mais luminoso cavalheirismo e lealismo*”.

No decorrer da análise desses documentos, a meta que se procurava atingir era, a partir de três momentos diferentes dentro do Estado Novo, entender a evolução do pensamento de Salgado, buscando nas particularidades de cada documento, pontos que definissem as suas concepções políticas. Portanto, qual a posição política de Plínio Salgado em relação à Getúlio Vargas e ao integralismo?

Entendo que, no período de 1939 a 1941, as posições de Salgado não sofreram muitas modificações, a grande diferença é que nos dois primeiros documentos, o apoio a Getúlio Vargas é passado de forma superficial, e em fase de negociação. O mesmo não ocorre com o manifesto de Setembro de 1941, onde o chefe integralista é incisivo e decidido ao dedicar seu apoio a Vargas. Mas de qualquer forma, o apoio ao Chefe da nação permeia os três documentos. Portanto, pode-se concluir que o chefe integralista não buscava um enfrentamento com Getúlio Vargas, ele preferia a negociação, isso transparecerá com o passar dos anos, na medida que seu prestígio político começa a declinar e o fortalecimento de Getúlio no poder se vê aumentado, o chefe integralista é obrigado a apoiá-lo.

Em relação aos integralistas, devemos atentar para os pontos principais presentes em seus discursos. Em geral, a tônica dos documentos é o diálogo rodeado de longas justificativas, neste sentido, quando se reporta a seus correligionários, o chefe integralista, procura justificar suas atitudes argumentando os motivos de sua decisão, chega até a justificar-se pessoalmente:

“Estas são as minhas palavras a um milhão de brasileiros que ensinei e eduquei durante seis anos. Digo-as desinteressadamente, e, com maior solenidade, porque falo do outro lado da vida política da nação, reafirmando os seus propósitos, tantas vezes repetidos, de nada querer do Brasil a não ser que ele seja grande e respeitado.”⁶¹

⁶¹ Idem.

Esta atitude de Salgado, acima referida, também demonstra a sua frágil condição de chefe do integralismo. Segundo Carone, desde os tempos da antiga AIB, Plínio vivenciava estes problemas, pois seu *“crescimento rápido e as diversas correntes de pensamento e interesse que compunham o partido davam a impressão de uma ilusória unidade e coesão”*. Esta conjuntura foi agravada pelo distanciamento do chefe no exílio, por isso um dos sentimentos que muitos integralistas nutriam em relação ao chefe é o de desconfiança. Desse modo, as posições políticas de Plínio Salgado em relação a Vargas estão relacionadas de forma diretamente proporcional com a relação dele com os integralistas, ou seja, o fato de Salgado perder poder político com os integralistas interfere na sua relação com Getúlio. Em contrapartida, o manifestado apoio a Getúlio mina seu poder de liderança e sua unanimidade com os integralistas. Salgado se coloca numa posição que é obrigado a tomar atitudes que satisfaçam governo e integralistas.

A Cruzada Juvenil da Boa Imprensa surge em meio a esse processo. Poderia esta organização ter sido criada para demonstrar a influência de Plínio Salgado frente aos Integralistas? Qual era a efetiva ligação de Salgado com a CJBI?

A documentação não faz nenhuma referência de ter vindo de Salgado a ordem de fundar uma organização nos moldes da CJBI. Mas isso não significou que o chefe Integralista, ao longo do funcionamento desta organização, se manteve alheio a CJBI, visto que, Raimundo Padilha, seu representante no Distrito Federal, manteve relações diretas com a CJBI. Sobre esta última afirmação os documentos são bem contundentes:

Realizou-se ontem, no teatro João Caetano; a festa da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, em comemoração ao aniversário do Imperador Dom Pedro II.(...)

Além dos já citados, estiveram presentes os seguintes integralistas: (...) Machado Florence, Valdomiro Ligu, **Raimundo Padilha**, Mauricio Silva Teles (Câmara dos 40), (...).⁶²

A Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, conforme constava de seu programa, realizou, ontem, no cemitério de São João Batista, a concentração em homenagem a Santos Dumont. (...) Entre os integralistas que tomaram parte na referida concentração destacaram-se os senhores **Raimundo Padilha**, Cel. Waldemar Cotta, Cap. Jaime Ferreira, Manoel Câmara (...).⁶³

⁶² Dossiê 03/12/1940, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

⁶³ Dossiê 28/07/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ (Grifos do autor).

Não só Padilha participava dos eventos da CJBI, mas também seu filho Tércilio Padilha, que era assíduo orador nas reuniões que semanalmente se realizavam, chegando mais tarde a ocupar o cargo de chefe dos Pequenos Cruzadeiros. Por isso, tendo como intermediário Raimundo Padilha e comprovada a ligação deste último com a CJBI pode se entender que Plínio Salgado estava informado sobre a atuação desta organização, e possivelmente, influenciava nas suas atitudes. Portanto, apresentado as posições políticas de Plínio Salgado, o que podemos concluir sobre a versão policial.

Entendo que tal versão apresenta explicações bastante lúcidas sobre o motivo de fundação e da atuação da CJBI. A verificação de práticas integralistas, a presença de indivíduos e dirigentes integralistas nos eventos da CJBI são os principais argumentos apresentados pelo Delegado para concluir que a CJBI objetivava refundar o Integralismo. De fato a análise das fontes nos aproxima desse entendimento, entendo que a CJBI era ligada aos integralistas e tinha como objetivo reuni-los para que congregasse novamente uma importante força político-ideológica no cenário nacional.

Contudo, a análise documental se contrapõe ao entendimento da polícia que liga a fundação da CJBI a uma tentativa de organização do Integralismo arquitetada por Plínio Salgado e executada por Raimundo Padilha. Os manifestos e a carta a Padilha nos mostra que a organização do Integralismo não era prioridade para Plínio Salgado, o atrelamento ao regime, naquele momento, tinha uma importância maior para a defesa de sua posição política.

CJBI: Integralismo ou Nacionalismo

Ao analisar ambas as versões, compreendo que a que mais coerentemente explicou a CJBI foi a produzida pela Polícia Política.

A carta de Limbo de Abreu, em verdade, não tinha como objetivo formular explicações sobre o que poderia ser a CJBI, somente buscava a defesa dessa organização, por isso, superestimou o caráter nacionalista da organização, omitiu a sua ligação com o Integralismo e negou qualquer contato com Plínio Salgado.

Já o documento policial, tinha o intuito de repassar ao governo as “verdadeiras” intenções da CJBI, por esse motivo ele é rico em informações e mais criterioso ao explicar

a organização. Mesmo assim, a interpretação policial tem problemas, ela liga a fundação da CJBI a uma ordem de Plínio Salgado, com isso não leva em consideração que o chefe, apesar de seu poder, não detinha o controle dos sentimentos e aspirações de seus antigos partidários, e que esses ex-integralistas poderiam em algum momento se organizar a revelia do chefe. Como anteriormente expus os documentos não se referem a ter vindo de Salgado a ordem para abrir a CJBI, porém os manifestos deixam entendido que não era um bom momento para o Integralismo voltar a sua atividade e que melhor seria o apoio a Getúlio. Essa constatação vai de encontro com a versão da polícia que entende que a fundação da CJBI foi projetada por Salgado.

A Cruzada Juvenil da Boa Imprensa não se apresentou como uma organização simplesmente nacionalista, foi uma entidade que procurou reorganizar e reorganizou parte dos integralistas da capital, também objetivava promover eventos integralistas e os promoveu, para isso utilizou-se do nacionalismo, contudo não reorganizou o Integralismo (Doutrina e Organização Partidária), pois este último ainda estava ligado a Plínio Salgado que continuava a ser seu único porta-voz.

Capítulo 3

O Poder Mobilizador do Nacionalismo

O golpe de Maio de 1938 intensificou a fragilidade política do Integralismo, às relações com os dirigentes do Estado Novo passam a serem feitas sob um outro ângulo, com uma grande força política, Getúlio desencadeia uma grande repressão, fazendo com que a alta cúpula integralista recue ainda mais nas suas pretensões.

Em 1939, Plínio Salgado apresenta aos integralistas um manifesto que buscava definir sua posição política diante do Estado Novo, ele conclamava os integralistas a uma união nacional, onde incluía o apoio a Getúlio Vargas. A atitude de Salgado diminui a repressão ao Integralismo, e um dos resultados imediatos “*é a reintegração aos cargos de alguns integralistas*”. Outros passam a serem menos investigados, “*a pedido de Gustavo Barroso (figura importante nessas negociações), Felix Contreiras e Raimundo Padilha não são mais incomodados pelas autoridades*”.¹

Além dessas concessões pessoais, o movimento integralista, também usufruiu das negociações, “*o jornal Rataplum e a Revista Cadernos da Hora do Presente começam a circular*”² Frente a isso, muitas entidades, fruto da sua própria organização de seus componentes, começam a ser criadas, a Cruzada Juvenil da Boa Imprensa é uma delas. A fundação de organizações compostas por elementos integralistas não foi somente resultado das negociações entre Getúlio Vargas e Plínio Salgado, mas ambas estão diretamente ligadas, pois diminuíram a repressão, dando a essas organizações um ambiente menos hostil para a sua atuação.

O que se procurará tratar neste capítulo é a maneira como a CJBI se desenvolveu desde seu surgimento até o seu fechamento, privilegiando a relação entre a CJBI e o Estado Novo. Levando em consideração sua relação com o integralismo, busco analisar através da Cruzada as disputas entre os diversos grupos políticos do período, focalizando a maneira na qual ela influiu nessas disputas e como essas disputas influíram na sua atuação.

Os primeiros meses de funcionamento da Cruzada são resultado de uma ampla concessão do governo estadonovista. Se a Ação Integralista Brasileira estava proibida, a consequência imediata seria a proibição de organizações que congregassem um caráter

¹ CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945)*. Rio de Janeiro, Difel, 1977, p. 211.

² Ibidem, p. 212.

integralista, mas não levando em consideração este fato o governo tolerou a atuação da CJBI.

Isto não quer dizer que não a investigava, pelo contrário, sobre a Cruzada emitiam-se relatórios diários informando o local, a hora e a natureza de suas atividades. Baseado nessas investigações procurava-se explicar o papel desempenhado pela Cruzada.

Nos seus primeiros eventos, os dirigentes da Polícia Política já haviam percebido a ligação do Integralismo com a CJBI, não se furtaram a relatar tal fato a seus superiores: “*A Cruzada Nacional da Boa Imprensa é, pois; a mais alta expressão política do Integralismo aqui no Rio*”.³

Mas longe de sofrer retaliações, a Cruzada intensificou seus eventos, neste ínterim os órgãos policiais também intensificaram suas investigações, mais uma vez a chefia policial declarava: “*não resta dúvida, a Cruzada Juvenil da Boa Imprensa é uma organização de caráter integralista, orientada e freqüentada só por integralistas*”.⁴ Mas porque a Cruzada não foi fechada quando logo foi verificado seu caráter integralista?

Entendo que os acordos da cúpula integralista com Getúlio Vargas tem relação direta com este fato, mesmo que Plínio Salgado não tivesse tido efetiva ligação com a Cruzada, suas negociações e as posteriores concessões alcançadas beneficiaram esta organização, principalmente quanto ao seu fechamento. Isto é verificado quando se convoca a polícia política para emitir um parecer sobre o possível fechamento dessa organização, apesar de contar com inúmeras provas o parecer é contrário, ou seja, contra o fechamento da CJBI:

Desde sua fundação que a Delegacia Especial vem acompanhando as atividades da CJBI, e, se até agora não reprimiu sua propaganda criminosa e clandestina – o que, diga-se de passagem, lhe seria fácil – foi tão somente por causa de uma questão técnica policial, para melhor conhecer seus verdadeiros desígnios, sua força e suas possíveis ligações subversivas.⁵

Por esse motivo, em abril de 1941, quando a Cruzada já havia realizado um bom número de eventos, a polícia julgou “*oportuno arquivar-se a presente petição por falta*

³ Relatório do Chefe de Segurança Política J. Machado Lima de 26/03/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

⁴ Idem..

⁵ Dossiê 05/04/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

de conteúdo concreto e fundamento legal". O próprio documento policial é contraditório, pois afirma:

(...) a mencionada sociedade foi sempre um órgão disfarçado de propaganda integralista, constituindo-se, ultimamente, no próprio partido, como entidade dirigente e coordenadora, sob a máscara de uma associação cultural e educativa.

Com afirmações tão contundentes, a justificativa de não haver conteúdo concreto para fechar a CJBI não me parece convincente, por isso deve ser analisada de forma bastante atenta. Este fato, em verdade, documenta a afirmação que fiz há pouco: existia uma complacência da Polícia Política para com a CJBI, que possibilitou a sua fundação e seus primeiros meses de funcionamento, algo não verificado, por exemplo, com as organizações de elementos comunistas.

Continuaremos a analisar esta relação abordando no prosseguimento do capítulo, a fase posterior ao surgimento da CJBI, que corresponde a consolidação de seus eventos.

A Expansão da CJBI: a concessão ao nacionalismo.

Se a Cruzada no conteúdo dos seus eventos apresentasse uma proposta de caráter inteiramente integralista, ela já estaria muito próximo do discurso estadonovista. Isso efetivamente não ocorreu, principalmente pela repressão que se desenvolveu contra ela, porém este fato obrigou seus dirigentes a adequarem seus discursos para que a mesma não fosse fechada, fazendo do discurso cruzadeiro quase uma cópia daquele apresentado pelo Estado Novo. Podemos caracterizar os discursos como tendo ambos um tom nacionalista, isto é, a união de todos os brasileiros pelo bem do Brasil, nos seus eventos a história do Brasil se pautará em heróis nacionais e marcos históricos.

Com essa característica de evento e aproveitando o clima nacionalista propagado pelo Estado Novo a Cruzada passa a adquirir um grande número de freqüentadores, que mudarão significativamente as características desses eventos. Com isso, procuro a partir de agora analisar como se deu a expansão da CJBI e de que maneira o nacionalismo apresentado pela Cruzada a fez expandir e ao mesmo tempo conservá-la afastada de uma possível proibição de funcionamento.

A homenagem a Pedro II, em dezembro de 1940, foi realizada com ares de grande evento, por esse motivo foi escolhido um famoso teatro no centro do Rio de

Janeiro para o evento, o João Caetano. Foram feitas declamações de poesias e diversas homenagens, “a Dra. Nilza Peres falou sobre Caxias, Deodoro, Barroso e Pedro II, e, entregou ao General Pedro Cavalcanti, o primeiro diploma de sócio benemérito”.⁶

Por estar ligada ao integralismo a Cruzada já contava com uma boa quantidade de freqüentadores em seus eventos, a festa acima citada exemplifica esta conclusão, visto que pouco tempo depois de sua criação a Cruzada já promovia eventos de grande porte e de relativo sucesso de público. Isto se repetirá, com um acréscimo gradativo de freqüentadores nas solenidades posteriores e em grande parte das reuniões semanais. Qual era a relação da Cruzada com seus componentes?

Além do conteúdo dos eventos e a ligação com o integralismo outros fatores faziam aumentar o número de freqüentadores da CJBI. Bem próximo do modelo pré-estatal aplicado pela AIB, a CJBI ofertava a seus componentes toda uma gama de serviços:

Aproveito ainda a oportunidade, para comunicar-vos que o departamento médico, inaugurado dia 13 (domingo), acha-se em pleno funcionamento com o seguinte horário: clínica médica – Dr. Waldemar Pereira Cotta 2^a, 4^a, 6^a às 13 hs. Pediatra – Dr. Dias Gomes 3^a, 5^a e Sábados às 14:30 hs. Pediatra - Dr. Fernando Monteiro 2^a, 4^a, 6^a às 15:00 hs. Fisiologia - Dr Severino Rezende 3^a, 5^a e Sábados, às 14:00 hs. Certo de vosso apoio a esses programas cívicos saúdo-vos, cordialmente, co o pensamento voltado para os supremos interesses de nossa pátria.⁷

Ela se apresentava, como no seu estatuto, defensora da boa leitura, mas também preocupada como os “princípios da saúde”, seguindo esta linha a Cruzada também criava cursos para seus adeptos, fazendo de sua sede um espaço onde se condensava ensino, discussões sobre nacionalismo, tratamento médico e homenagens, fazia questão de divulgar sua missão na imprensa:

Curso de taquigrafia e de xadrez – Prosseguindo no seu programa educativo, com o qual procura tornar o Brasil cada vez mais forte pela cultura e civismo de sua mocidade, a Cruzada Juvenil da Boa Imprensa acaba de crear um curso de taquigrafia e outro de xadrez. Desnecessário é demonstra a importância de ambos. A taquigrafia como sabemos, é um dos fatores indispensáveis ao progresso de qualquer país. O xadrez, com suas altas qualidades de desenvolvimento de inteligência, do sentido tático e estratégico, do autocontrole e do espírito esportivo e

⁶ Dossiê 03/12/1940, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

⁷ Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, circular nº 5, 18/07/1941, contido no Dossiê de 27/07/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

cavaliheresco e também de importância inacabável na educação do indivíduo. Inscrições para os referidos cursos na sede da CJBI. Rua do Rosário 55 A, 1º andar, sendo os mesmos inteiramente grátis (...) ⁸

Portanto para a Cruzada era fundamental ganhar seus frequentadores não somente com discursos, mas também com um grupo de ações que a referenciassem como uma entidade prestadora de serviço, isso terá uma parcela de importância na sua gradativa expansão.

Se observarmos, a AIB e a CJBI tiveram um tipo de expansão muito próxima uma da outra, guardada as devidas proporções, ambas percorreram um período muito curto de atuação contrastado por um grande aumento de adeptos. É por isso que poucos meses depois de aberta, esta organização começou a se expandir por outros estados. Em Belo Horizonte (MG), o professor Lúcio dos Santos ficou encarregado de abrir uma “sucursal” da Cruzada; em Juiz de Fora, o encarregado foi o Sargento Manuel Antônio Siqueira, “*que em carta enviada a companheiros desta capital, informa, que, ele e outros integralistas pretendem organizar um filial da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa*”. ⁹ Porém, o argumento que ele utilizava para abrir esta entidade não era o Integralismo, ou mesmo reorganização de ex-integralistas, era somente “*levantar a moral dos companheiros e incutir o espírito nacionalista nesta juventude que está completamente inerte*”. De fato, Juiz de Fora passa a ter um “*jornal nacionalista*”, produzido pelos cruzadeiros, o “*Era uma Vez*”. ¹⁰

Mas a consolidação desta filial da Cruzada efetivamente acontece quando o Cel. Inácio José Veríssimo assume o comando dessa organização, fato muito comemorado pelos dirigentes cruzadeiros da capital, pois a visibilidade social do Coronel era uma boa apresentação da Cruzada para a sociedade mineira:

Dia 23 de Julho, às 20 hs, na sede da Cruzada – visita, apresentação e posse do Cel. Inácio José Veríssimo, futuro presidente dos cruzadeiros de Juiz de Fora, onde contará com a colaboração de vários elementos militares” ¹¹

A expansão da CJBI teve um acompanhamento constante do Governo Vargas, além das investigações diárias, a Cruzada era obrigada a repassar aos órgãos

⁸ Notícia do Jornal “Gazeta de Notícias”. Dossiê 18/05/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

⁹ Dossiê 04/07/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

¹⁰ Dossiê 18/07/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

¹¹ Idem.

governamentais responsáveis pela censura (DIP) e segurança política (DESPS) informações seus eventos.

A CJBI comunicou ao Srn Cap. Delegado Especial, que o Snr Osmany Coelho e Silva foi escolhido para ocupar o cargo de zelador daquela associação, em substituição ao Sr Thomas da Silva Paranhos, recém falecido. A S-4 e a S-1 informam tratar-se de elemento integralista conforme prova a ficha apreendida, na sede da AIB, por ocasião de seu fechamento”.¹²

Estas afirmações eram analisadas pelos órgãos repressores, verificavam-se a procedência de grande parte dos componentes da Cruzada, esse procedimento determinava os elementos que deveriam ser mais criteriosamente investigados, no caso de Osmany Coelho, a *“S-2 acha desnecessário inibi-lo de exercer o cargo de zelador, isto porque não consta que o mesmo tenha exercido atividades extremistas, antes ou depois da extinção daquele partido político”*¹³

Em carta enviada a “meu camarada major Floriano P. Keller”, Waldemar Cotta, na época, presidente da Cruzada chama a atenção para a relação desta entidade para com o DESPS, onde *“todas as ordens e em todo o tempo de vida da CJBI tem sido acompanhadas de perto, por solicitação minha, pela delegacia de ordem política e social”*.

Em verdade, a carta tem o objetivo de defender a Cruzada de críticas a condução de seus eventos, neste caso, a Semana Santos Dumont, ele coloca que sempre solicitou diretivas ao Delegado Especial Felisberto Batista e afirma que:

“nem por inadvertência, ou outra qualquer cousa independente de minha vontade, pudessem as atividades dessa Cruzada que presido, entrar em choque, prejudicar ou perturbar, da maneira mas leve que fosse, a realidade administrativa governamental”

Como vem relatando os outros discursos cruzadeiros, este coloca que o objetivo desta organização é: *“Incrementar na juventude e nos brasileiros de todas as idades o amor inconcepcível ao Brasil, o respeito a disciplina e o severo acatamento as autoridades”*.

Por este motivo a Cruzada não teria nada de oculto, seria uma organização aberta a todos que se dedicassem *“lealmente ao Brasil”*, frente a isso, a *“insuspeitadissima*

¹² Dossiê 03/04/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

¹³ Idem.

Delegacia de Ordem Política e Social (...) pode bem informar sobre tudo que nesta Cruzada se tem dito e irradiado", pois o DIP, *"tem visado todos os discursos e programas sem o que não seria possível a irradiação dos mesmos"*. Portanto, os órgãos governistas acompanhavam a Cruzada e a autorizava, baseado no conteúdo, a realizar seus eventos.¹⁴

A autorização do programa semanal da Revista Rataplan é um exemplo, o pedido de transmissão ao DIP da festa de nomeação de Waldemar Pereira Cotta para presidente da Cruzada é outro exemplo. Porém esta relação é um tanto quanto tênue, as autorizações eram conseguidas após longas negociações, o funcionamento da Cruzada foi marcado por um clima de ilegalidade e de imprevisibilidade, sempre se corria o risco de vê-la fechada após um evento, e isto era expresso nas preocupações dos dirigentes cruzadeiros:

Os atuais responsáveis pelo Integralismo temem que a polícia efetue prisões, durante as festas que costumam realizar, o que, segundo declaram, desarticulará os companheiros, pondo por terra toda a obra que já edificaram – o Prof. Andrade teme que o Cel. Cotta, devido a sua maneira de falar, seja impedido de irradiar (pelo DIP), e, seja detido, se protestar contra deliberação.¹⁵

Por isso, era importante o bom relacionamento com governo, principalmente com os órgãos repressores, a partir desse entendimento, *"Raimundo Padilha aconselhou muita cautela com as manifestações extemporâneas e fora de propósitos"*, acrescentando que *"a reunião de hoje seria realizada com pleno conhecimento do Sr. Delegado Especial"*. Para este chefe integralista a Cruzada *"era vista com bons olhos pelas autoridades"* e precisava permanecer com o mesmo status.

O fato de a CJBI comunicar ao Delegado Especial sobre as reuniões é uma das estratégias que ela se vale para manter-se operando, com isso se verifica um exemplo das negociações que esta mantinha com o Estado Novo. Nesta mesma linha, Padilha expõe que *"o noticiário das suas solenidades tem sido distribuído pelo DIP, por intermédio da Agência Nacional"*, onde trabalha *"elementos nossos"*. Contudo, apesar da colaboração governista com Cruzada era necessário não *"esquecer, todavia, que, (...) "*

¹⁴ Carta de Waldemar Pereira Cotta ao Major Floriano P. Keller em 15/08/1941, Dossiê sem data. Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

¹⁵ Dossiê 30/05/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

seriam colocados elementos de vigilância no auditório”, expressando o clima de tensão que envolvia os eventos.¹⁶

A sessão de encerramento da Semana Santos Dumont explicita como que amplos setores da sociedade e do próprio governo freqüentavam os eventos da Cruzada, acredito que essas presenças são um enorme ganho político para esta organização, que aproveitando desse fato, apresentava-se cada vez mais como uma legítima organização nacionalista. Sobre os que compareceram as reuniões, o investigador do DESPS é bastante detalhista:

Atendendo ao convite do Cap. Jaime Ferreira da Silva, fizeram parte da mesa as seguintes pessoas: Cap. Petrônio Costa (Representante do Gal. Silva Júnior); Cap. Félix de Souza (Representante do Gen. Góes Monteiro); Maj. Guilherme Ribeiro (Representante do Parque da Aeronáutica); Tem Ávila (Representante da Escola de Educação Física do Exército); Tem Tibúrcio (Representante do Diretor do Colégio Militar); Cap. Corinto Monte Alvo (Representante do 1º Regimento dos Dragões da Independência); Cap. João David (Representante do comando da Polícia Militar); Tent. Brulino de Abreu (Representante da Aeronáutica Militar); 1ºTent. Aristovaldo Muniz (Representante do 1ºRegimento de Artilharia Montada; toda a diretoria da Cruzada; representantes da reserva do Exército; representantes do Clube dos Sargentos Aviadores (...).¹⁷

A característica nacionalista, aparentemente desvinculada do integralismo, apresentada pela Cruzada, somada com a composição da mesa mudaria a tônica dos discursos e o papel do evento. Se numa reunião de ex-integralistas a AIB era o centro dos debates, numa reunião tão heterogênea o nacionalismo iria ocupar esse lugar. Esta análise da relação do Governo com a CJBI no período de expansão me faz chegar a seguinte conclusão: o governo concedia a autorização para a realização dos eventos da CJBI, em contrapartida ela era obrigada a modificar o conteúdo desses eventos. A relação entre CJBI e Estado novo era de ampla negociação.

Porém como venho colocando, o integralismo, ou mesmo, organizações integralistas não estavam num momento muito favorável para negociar com Vargas. A instituição do Estado Novo o faz acumular uma grande força política, fazendo dele um árbitro diante das disputas políticas do período. De forma alguma retiro o caráter classista do Estado Novo, só chamo a atenção para a relação que Vargas tinha com

¹⁶ Dossiê 31/07/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

¹⁷ Dossiê 31/07/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

grupos que estavam a margem do poder. Integralistas, comunistas e liberais se agarram nas possibilidades de negociação com Vargas para manterem-se operando, buscavam em suas atitudes pontos programáticos em comum, apresentando-se como aliados ou em determinados momentos como inimigos a serem combatidos. Não havia aliados ou inimigos pré-determinados era a conjuntura política que os escolhia.

A CJBI em meio a esta correlação de forças também se posicionava atraindo para seus programas alguns pontos também apresentados pelo Estado Novo, o combate ao comunismo é um deles:

O Srn. João Holanda da Cunha, em palestra com o nosso agente, declarou: - Que, os integralistas vão iniciar uma grande campanha contra os comunistas, logo após a comemoração da “Semana de Caxias”; que, o Srn. Ministro da Guerra autorizou e aprovou a realização da parada do Largo do Machado; que, a “Cruzada”, ultimamente tem recebido considerável número de adesões.¹⁸

Plínio Salgado em suas cartas e manifestos não deixa de citar o comunismo como o grande mau que deveria ser combatido, esta luta une as suas propostas àquelas colocadas na prática pelo Estado Novo. Em seus manifestos ele argumenta que o Estado Novo cumpre o que ele havia proposto, com isso ele objetivava levantar a auto estima dos integralistas e ao mesmo tempo dificultar as relações entre Vargas e as demais forças políticas. Neste sentido, um dos seus “correligionários”, José de Queiroz Muniz, ao refletir sobre o impacto do Manifesto de Setembro de 1941, assim conclui:

Se ele foi publicado, vai ser um estouro formidável entre os comunas e os liberais que vos julgavam definitivamente esmagados. E se for realmente publicado isso indicará que nosso apoio foi aceito e, portanto, nos trará um prestígio imensurável perante a massa anônima do povo.¹⁹

Nesta perspectiva, envolvido pela disputa, Amaro Souza Carneiro se preocupará com a interpretação dos comunistas sobre o apoio dos integralistas a Getúlio:

● Os comunas agora, já inventam duas intrigas: (...), outra que, nós resolvemos apoiar o Getúlio esquecido da Doutrina e das pancadas que levamos. Digo-lhe isto apenas para o senhor saber.²⁰

¹⁸ Dossiê 13/08/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

¹⁹ Carta de José Queiroz Moniz endereçada a Raimundo Barbosa Lima em 13/10/1941, In: Pasta GV, CPCOD, Fundação Getúlio Vargas.

²⁰ Carta de Amaro de Souza Carneiro endereçada a Raimundo Barbosa Lima em 17/10/1941, In: Pasta GV, CPCOD, Fundação Getúlio Vargas.

Com uma fervorosa disputa política a CJBI também passou a ser vítima de ataques, toda e qualquer crítica ao Integralismo e ao fascismo desembocava na CJBI, dos vários órgãos de imprensa que cumpriam este papel, dou destaque para o jornal “Vanguarda”:

O vespertino “Vanguarda” iniciou uma campanha de descrédito contra a Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, baseada no fato de esta organização de fundo integralista estar desenvolvendo atividades contrárias ao atual regime.²¹

O resultado foi imediato para a Cruzada:

Ontem, não houve reunião na “Cruzada Juvenil da boa Imprensa”, devido a publicação de uma nota, no jornal “Vanguarda”; a qual segundo pensa o Cap. Jaime Ferreira, poderá trazer a Cruzada conseqüências desagradáveis. A fim de tomar as medidas que o caso requer, o Cap. Jaime Ferreira irá conferenciar com o Cel. Waldemar Cotta”.²²

A fragilidade da CJBI é notória, mesmo assim o periódico “Vanguarda”, vai ter um papel privilegiado no período em que essa organização atuar, este será seu grande inimigo e como previa o Cap. Jaime Ferreira iria lhe trazer conseqüências desagradáveis. O jornal “Vanguarda” vai participar efetivamente da campanha para o fechamento da CJBI, pois poucos dias antes publicou uma reportagem, mas parecido com um manifesto, onde chamava a atenção da sociedade para CJBI:

Da Imprensa, não!

A “Cruzada Juvenil” merece a tenção do poder competente

Não sabemos porque, uma instituição, que anda por aí revivendo o programa de outra que se incompatibilizou com as disposições constitucionais em vigor e por isso mesmo foi dissolvida, adota o nome de “Cruzada Juvenil da Boa Imprensa”. Já tivemos a oportunidade de lavar o nosso protesto contra essa história de Boa Imprensa, por isso que, no regime atual, depois de feitas as necessárias depurações, toda a imprensa do país está no nível das suas altas responsabilidades sociais e culturais.

Voltamos, hoje, ao assunto, para reclamar a atenção do poder competente, no caso, talvez, o conselho nacional da Imprensa, contra o desembaraço com que a referida “Cruzada” se diz da Imprensa, quando, em verdade, estamos de uma falsidade que a lei proíbe e reprime.

²¹ Dossiê 26/06/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

²² Dossiê 27/06/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

Um dia destes, vimos fecharam-se, por ordem superior, associações que, embora de jornalistas, não podiam sobreviver, de vez que somente os sindicatos, à ABI e suas congêneres estaduais a lei facilita licença para funcionar como organismos de classe.

Por esse motivo, a Associação de Imprensa Periódica Paulista e sua sucursal nesta capital foram dissolvidas.

Evidentemente essa “Cruzada” além de outros pecados, tem o defeito de ser clandestina como legião da imprensa. Deve ser fechada imediatamente. E tão habituada está a assumir ares de importância, com imunidades e prerrogativas de terceiros, que acaba de ser desmentida pela polícia, por haver anunciado que a Delegacia de Ordem Política havia assistido a uma das suas reuniões, enviando a respectiva mesa dois representantes.

Não padece a menor dúvida que aí há dente de coelho. Mas não será sem o nosso protesto que a “Cruzada” prosseguirá em suas atividades, tanto mais exclusiva se considerarmos que, não sendo ela “da imprensa” também não é, nem pode ser, da juventude, pois que esta igualmente é dirigida pelo governo constitucional de união.

Dois grandes abusos, como se vê.²³

Neste contexto de disputas políticas, os opositores da CJBI cumprem o seu papel, são eles que dão o equilíbrio, fazendo com que esta organização nunca ultrapasse o limite do nacionalismo, favorecendo, portanto, a política de Vargas, que se utilizará desses opositores para regular as ações da Cruzada. Neste sentido, a relação entre Cruzada e Estado Novo não é claramente definida, ou seja, não eram aliados nem opositores. Como se colocava acima dos conflitos, Vargas também necessitava agradar os grupos opositores da Cruzada, ele a concede o funcionamento, mas nunca lhe dá apoio.

No entanto, mesmo sofrendo esses ataques a CJBI continuava a expandir suas ações e aumentando gradativamente o porte de seus eventos. Contudo, em junho, a mudança no seu comando marcará uma nova fase para essa organização.

Assume a presidência o Tenente Coronel Waldemar Pereira Cotta, professor da Escola Militar e da Escola da Aeronáutica e membro efetivo da Comissão nacional do livro Didático. A CJBI, colocava no lugar de Julio Cezar de Melo e Souza, o até então Presidente, um dirigente com um respeitado prestígio nos meios militares e pensador da educação brasileira. Jaime Ferreira, até o momento, o dirigente de maior destaque, passará a dividir esse papel com Waldemar Pereira Cotta na chefia da organização.

A proeminência de Waldemar Cotta fez com que sua posse fosse divulgada por alguns órgãos de imprensa da cidade:

²³ Nota do Jornal “Vanguarda”, sem data, Dossiê 04/09/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

Revestiu-se de grande significação a posse do Tenente Coronel Dr. Waldemar Pereira Cotta, novo presidente da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa. Compareceram, além dos representantes de vários corpos do Exército, da Aviação, da Polícia e dos Bombeiros. Duas bandas militares estiveram presentes (...) O presidente empossado encerrou a sessão com uma ardente profissão de fé cívica e espiritualista definindo o valor da obra dos cruzadeiros; que tudo darão pelo bem do Brasil, que, pela vontade de seus filhos, há de manter-se absolutamente neutros fora do mundo conflagrado (Cf. anexo nº 10).²⁴

A posse de Waldemar Cotta dava uma maior projeção a CJBI, por isso podemos colocar a mudança na presidência como um fator da expansão dessa organização. Muito bem relacionado com alguns setores do governo, Cotta, intensificou a cadeia de negociações entre CJBI e Vargas:

(...) diversos elementos intimamente ligados a “Cruzada”, entre os quais, Joaquim Ruiz Gamboa e Eduardo Pacheco de Andrade, propalem que a redobrada atividade dessa organização integralista, desde que o Ten. Cel. Cotta assumiu a presidência da mesma, foi iniciada após prévio entendimento com o Gal. Góes Monteiro e com a aquiescência do Sr. Presidente da República. Esta notícia, ainda ontem, na sede da Cruzada, foi confirmada em caráter confidencial, pelo Cap. Jaime Ferreira.²⁵

Esses contatos foram fundamentais para a realização dos grandes eventos da Cruzada, as semanas e meses dedicados aos heróis nacionais, pois proporcionavam um clima de entendimento, autorizando a exposição da CJBI para uma maior parcela da população. Posto isso, procurarei entender o que significaram esses eventos e como estiveram relacionados com a expansão da CJBI (Cf. anexo nº 1).

O fato de se reservar um calendário de comemorações especialmente a um “herói nacional”, para os cruzadeiros estava diretamente ligado ao prestígio dessas figuras. Somente Santos Dumont e Duque de Caxias receberam tamanha homenagem em quase um ano de existência dessa entidade. É importante considerar que alguns fatores precisavam convergir-se para a realização de tamanho evento (aumento da estrutura e clima político favorável) são os principais, os meses anteriores não haviam produzido tais fatores. Também devemos considerar que é no final do “Mês de Caxias” que a Cruzada irá ser obrigada a parar de funcionar, não podendo homenagear mais nenhum “herói nacional”.

²⁴ Dossiê 24/06/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

²⁵ Dossiê 14/08/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

A “Semana Santos Dumont” tem início em finais de julho, “*com uma Romaria cívica junto ao túmulo do genial pai da aviação (...) no cemitério São João Batista*” (Cf. anexo nº 1). Com uma circular Waldemar Cotta convoca todos os cruzadeiros e “*com o apoio dos de todos os brasileiros a essa comemoração de pura brasilidade*”.²⁶

Para o evento, entendia-se que este deveria ser bem aberto, por isso a imprensa que apoiava as ações da Cruzada é convocada para a divulgação deste que seria o maior evento produzido por ela:

A Romaria Cívica de domingo junto ao Mausoléu de Alberto Santos Dumont.

A Cruzada Juvenil da Boa Imprensa em cumprimento ao seu elevado programa cívico, iniciou no dia 23 do corrente, a “Semana Santos Dumont”, data da morte do genial patricio. No próximo domingo, 26, às 10 horas da manhã, terá lugar uma romaria cívica ao túmulo do pai da aviação, glória imperecível do Brasil, quando falarão, além de jovens cruzadeiros, o capitão Jaime Ferreira e o Tenente Coronel Waldemar Cotta, presidente daquela associação. Para esta solenidade conta a CJBI com o apoio de todos brasileiros que queiram. Publicamente testemunhar seu culto imorredouro pelos grandes heróis nacionais.

A “Semana Santos Dumont” será encerrada no dia 31 com uma sessão magna no salão nobre da Escola nacional de Música, às 20:30 hs, sendo o orador principal da solenidade o Sr. Tenente Coronel, Ignácio José Veríssimo, brilhante oficial superior do Estado Maior do Exército. Para essa solenidade foram especialmente convidadas todas as autoridades civis e militares, bem como estabelecimentos e associações educativas e toda a imprensa da capital.

Como os outros eventos, a romaria também terá o acompanhamento da investigação da polícia, mais que isso, só acontecerá após uma licença previamente fornecida pelo Delegado Especial. Este caráter aberto e legal dos eventos já delimitava as ações dos integralistas ali presentes. Frente a isso, discursos e rituais que destoassem do nacionalismo poderiam desagradar ao grande público e ao mesmo tempo causar problemas com a Polícia Política.

A repercussão da festa também ficou a cargo dos órgãos de imprensa ligados a Cruzada, para a Gazeta de notícias: “Empolgante sob todos os aspectos”. Mas o maior destaque foi para a “*enorme multidão que ali compareceu, crianças e adultos militares e civis, representações do centro carioca (...)*”.²⁷

O sucesso do evento é confirmado pela própria polícia, “*foram presentes a essa cerimônia quinhentas pessoas aproximadamente*”, investigação policial também

²⁶ Circular da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, sem data, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

²⁷ Dossiê 31/07/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

confirmava o caráter aberto e heterogêneo do evento: “*estiveram presentes (...) elementos de certo nível social, residentes nos bairros de Copacabana, Botafogo e Gávea e pessoas que compareceram apenas por acaso*”, ou seja, pessoas que não freqüentavam as reuniões da Cruzada.²⁸

Baseado nessas informações, o que se pode constatar é que a organização desses eventos era um avanço, no que refere-se a expansão da Cruzada enquanto organização nacionalista. Contudo, a sua sobrevivência enquanto organização dependia desse fator, ou seja, a concessão dos grandes eventos era importante para que o governo continuasse concedendo autorização para a Cruzada atuar. Para isso, foi fundamental uma abertura em seus eventos e a concomitante presença de novos freqüentadores, principalmente os não ligados ao integralismo. Além disso, esses eventos significavam um marco para as relações entre CJBÍ e Estado Novo, pois a partir deles a Cruzada passaria a ser observada com um olhar mais atento por parte do governo, devido a seu sucesso em promover eventos nacionalistas. Neste ínterim, o outro grande evento da Cruzada, o “Mês de Caxias”, além da sobrevivência da organização terá ainda uma outra função, a aproximação com o Exército, ou com parte dele. Frente a essa importância, as preparações para os eventos do “Mês de Caxias” começaram tão logo acabaram a da positiva “Semana Santos Dumont”. Em circular, Jaime Ferreira expõe o calendário de festas:

Dia 10 de Agosto – início das comemorações, na sede, às 10 hs da manhã.

Dia 17 de Agosto – sessão solene na sede social, 20 hs precisamente, focalizando-se os grandes soldados do Brasil (Cf anexo nº 7).

Dia 24 de Agosto - Reunião cívica no Largo do Machado.

Dia 30 de Agosto – espetáculo cívico-literário.

Dia 7 de Setembro – Sessão magna de encerramento do Mês de Caxias.²⁹

De todas as datas irei me concentrar em duas: a “reunião cívica” no Largo do Machado e a sessão magna de encerramento.

Segundo o organograma da Cruzada estava prevista para 24 de Agosto a reunião no Largo do Machado, seriam convidados “*todas as corporações militares e estabelecimentos de ensino*”, o objetivo do evento era fazer uma “*saudação dos*

²⁸ Comunicação do Chefe de Sessão de Segurança Social, Seraphim Braga, em 28/07/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

²⁹ Circular da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, em 01/08/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

cruzadeiros ao invicto Caxias". Mas o que o evento trazia de novo era a presença dos *"jovens cruzadeiros já uniformizados"*.³⁰

Este fato fez com que o Ministério da Guerra requisitasse à Cruzada, *"distintivos, uniformes e cópias de todos os discursos pronunciados, na entidade até a presente data"*. Com isso, outro órgão governamental além do DIP e do DESPS passou a investigar a Cruzada.

Os documentos não são tão precisos sobre este ponto, mas o fato é que a Cruzada foi obrigada a fazer mudanças no programa por ela antes estabelecido, justamente no que se referia ao evento de 24 de agosto, que é cancelado:

Em substituição ao desfile dos "Cruzadeiros", ostentando os seus novos uniformes, diante do monumento de Caxias, marcado para o próximo dia 24, às 10 hs, será levada a efeito uma reunião a mesma hora, porém, na sede da cruzada (Cf anexo nº 4).³¹

Já a Sessão Magna de Encerramento é autorizada e devido a grandiosidade ultrapassa a "Semana Santos Dumont". Esta é marcada pela presença principal do Bispo de Uberaba, Dom Alexandre Gonçalves do Amaral. Esse evento desempenhou papel único no destino da Cruzada, não coincidentemente foi a sua maior solenidade e ao mesmo tempo o grande motivo do seu fechamento.

A vinda do Bispo de Uberaba significou a grande projeção social tanto buscada, Alexandre Amaral era nacionalista além de ser religioso, um perfil importante para a Cruzada que necessitava convencer o grande público, além disso a sua presença também elevou o nome da Cruzada para todo o Brasil, pois várias emissoras de rádio se interessaram em transmitir tal festa.

Apesar dos problemas com a repressão, o saldo final do "Mês de Caxias" foi positivo para a Cruzada, a presença de Alexandre do Amaral havia superado todas as expectativas, com isso, o objetivo do evento que era a promoção da Cruzada como organização nacionalista foi alcançado.

Porém, como havia ressaltado, o Mês de Caxias também implicava na relação entre a Cruzada e o exército. Como proibir que uma organização renda homenagem ao patrono do Exército? Isto não significava um exemplo de nacionalismo? Este era o objetivo da Cruzada, fazer com que o governo de constrangesse em fechá-la

³⁰ Idem.

³¹ Dossiê 18/08/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

pressionado por um exército altamente nacionalismo. A Cruzada procurava se aproveitar do clima nacionalista levado a frente pelo governo, também se legitimando como defensora dos interesses nacionais. Perceberemos mais a frente que o desenrolar dos acontecimentos não favoreceram a Cruzada.

O que podemos concluir é que o período denominado de “expansão” ocorreu a base de concessões do Governo Vargas para a realização de seus eventos. Dois fatores levaram a essas concessões: as negociações entre Plínio Salgado e Getúlio e a própria estratégia da CJBI, que optou pela sua sobrevivência a se indispor com o governo.

O fechamento da CJBI: o fim da concessão

Como apresentei anteriormente, a expansão das atividades da Cruzada está ligada a maneira como conduziu seus eventos, por ter optado em praticar um nacionalismo sem tendências e aberto a diversos grupos, a Cruzada passou a congregar um número cada vez maior de freqüentadores, o que ajudou a mantê-la em funcionamento.

Mas a expressão da Cruzada e a sua crescente fama a expuseram para a sociedade. Neste sentido os órgãos governistas pressionados pelos opositores desta a organização intensificaram a repressão que desencadeou no seu posterior fechamento.

No dia 13 de Setembro de 1941, uma circular é distribuída aos membros da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, e o seu conteúdo informa sobre a supressão de suas atividades por tempo indeterminado.

Cruzadeiro!

Em consequência de situações particulares oriundas da situação geral; como atitude de patriotismo, única que temos assumido em todos os nossos atos, temos por bem resolvido, suspender nesta data as atividades da CJBI.

O imortal ideal de uma pátria forte, continuará vivendo ininterruptamente nos corações, e, como sempre, teremos, como fundamento e diretriz de todos os nossos atos os supremos interesses do Brasil.

Rataplan é uma revista que significa o nosso carinho e anciã de perfectibilidade dos brasileirinhos. Tudo, pois que, pelo Rataplan fizerdes, fareis pelo Brasil.

Tudo pela pátria.³²

³² Circular da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, em 13/09/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

De início os cruzadeiros “*procuraram ocultar a medida que fora tomada contra a associação*”. Para isso utilizaram-se de vários pretextos para justificar o fechamento da mesma. Contudo, a proibição de funcionar começava a se tornar evidente e a solução encontrada por seus dirigentes foi mais uma vez a anexação da Revista Rataplan, para onde as contribuições destinadas a Cruzada deveriam ser repassadas.³³

Neste ínterim, quebrando parte do silêncio, Jaime Ferreira apresenta uma versão para o acontecido. Para ele, o fechamento da Cruzada está ligado à visita de “*uma senhora de origem estrangeira, que, após assistir as seções, procurou obter informações sobre as atividades dessa instituição*”. Passado um breve espaço de tempo fora movido “*no Estado Maior do exército um processo contra as atividades da Cruzada, por julgá-la uma ramificação do nacional-socialismo alemão*”. Neste processo consta que a CJBI era uma base dos nazistas no Brasil, mas que para funcionar, “*camuflava-se em sociedade cultural e de fins nacionalistas (...) o processo foi arquivado por falta de fundamento*”. Mas apesar do arquivamento deste processo, “*pouco depois, concordando com as ponderações de Snr. Cap. Batista Teixeira, o Ten Cel. Waldemar Cotta resolveu cessar as atividades da Cruzada*”.³⁴

A versão de Jaime Ferreira de certo deve ser relativizada, mas é a partir dos motivos por ele apresentado que podemos buscar uma compressão sobre o fechamento desta organização. Deste modo, este tópico se concentrará na seguinte questão: Que fatores levaram ao fechamento da Cruzada?

Para responder esta questão voltaremos a analisar o papel da expansão dessa organização as relações da CJBI com os órgãos que desenvolviam investigações sobre suas atividades. Além disso, baseado na denúncia da ligação da Cruzada com o nazismo, se buscará entender até que ponto a conjuntura internacional foi importante para o seu fechamento.

Como expus, a inclusão do Exército nas investigações trouxe um novo elemento para as negociações entre CJBI e governo. O interesse do Exército pela CJBI se deu por dois motivos: a participação efetiva de seus membros, tanto de baixa patente quanto de alta nos eventos da Cruzada e a militarização desta organização.

Os eventos da Cruzada sempre contaram com a presença de militares do Exército e da marinha (Cf anexo nº 8), de fato os principais dirigentes da CJBI eram militares. A Cruzada sempre buscou uma aproximação com os meios militares, por esse

³³ Dossiê 16/09/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

³⁴ Idem.

motivo produzia um discurso para atraí-los. Reitero que este apoio era importante para a sobrevivência da organização. O Gal. Pedro Cavalcanti, comandante da 5ª Região Militar foi a primeira grande adesão à CJBI, à ele abriu-se uma concessão estatutária e o entregaram o diploma de sócio benemérito. Em contrapartida, o general:

Falou agradecendo e propondo-se a ajudar a Cruzada, no que estivesse ao seu alcance, por julgar uma iniciativa de grande valor para as crianças, pois as leituras que ora estão sendo apresentadas aos menores pelos suplementos dos nossos jornais e outras revistas atuais, deseducam em vez de educar as crianças.³⁵

Outra conquista muito festejada foi a do Coronel Ignácio José Veríssimo, que encabeçaria a Cruzada em Juiz de Fora.

Deste modo, a presença nas reuniões e eventos da Cruzada de militares fardados e principalmente as adesões de altas patentes militares já se apresentavam como um contundente motivo para a investigação do Exército na CJBI. Porém, é o passo posterior da CJBI na sua divulgação para o público geral, que irá fazer do evento concentrar às primeiras investigações e abrir o primeiro inquérito.

A concentração prevista para 24 de agosto em comemoração ao mês de Caxias contaria com a presença “dos jovens cruzadeiros, já uniformizados”, que iriam concentrar “na sede de 8 às 9 horas da manhã”.³⁶ A uniformização de seus componentes modificava o caráter da concentração, pois apresentava símbolos e emblemas próprios, diferentes daqueles do exército e das forças Armadas em geral. Ao ser informada sobre este fato o Exército resolveu apurar os objetivos da Cruzada e à solicitou “*distintivos, uniformes e cópias de todos os discursos pronunciados na entidade, até a presente data*”³⁷. O resultado foi a proibição da concentração.

A acusação de difusora do nazismo que caiu sobre esta organização foi em parte pautada na sua militarização:

Os cruzadeiros foram divididos em dois esquadrões: masculino e feminino. Nas fichas dos mesmos consta o seguinte juramento: Prometo no lar, na escola ou na sociedade, tudo fazer pela difusão da boa leitura, não poupando sacrifícios nesta Cruzada, que vise o engrandecimento do Brasil.³⁸

³⁵ Dossiê 12/12/1940, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

³⁶ Dossiê 01/08/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

³⁷ Dossiê 9 e 10/08/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

³⁸ Dossiê 25/08/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

A consequência imediata da entrada do Exército nas investigações foi quebra de determinado equilíbrio nas negociações entre governo Vargas e CJB, diferentemente da Delegacia Especial que mantinha o contato direto com os dirigentes da CJB, o exército, apesar da ligação de seus membros com a Cruzada, não parece ter entrado nessas negociações, sendo incisivo em proibir algumas de suas manifestações. Contudo, um outro fator se apresenta com grande relevância. O fato da acusação sobre a Cruzada ser a de promover o nacional-socialismo nos permite concluir que as relações dentro do Exército eram marcadas por disputas, visto que Góes Monteiro era simpático ao nazismo.

No que se refere a relação da CJB como DESPS, podemos dizer que elas se tornaram mais conflituosas na medida que as críticas ao programa da Cruzada aumentaram.

Como anteriormente tratei, a expressão da Cruzada teve com um dos fatores a complacência da Polícia Política que mesmo sabendo da sua ligação com o Integralismo a manteve aberta, porém foi a pressão de parte da sociedade do Rio de Janeiro através de notícias publicadas em alguns periódicos que fizeram o DESPS mudar de posição em relação a essa entidade.

Neste ínterim, um episódio desgastou essa relação. Na reunião de 22 de agosto, “Mês de Caxias”, o Cap. Jaime Ferreira, de ordem do Cel. Cotta convidou “*a tomar parte da mesa, dois investigadores (Osório e outro) da Seção de Segurança Social, pseudos representantes do Srn. Cap. Delegado Especial, que, ali estavam presentes*”.³⁹

A Cruzada pretendia ganhar politicamente sobre tal fato, dessa maneira o jornal “A Noite”, seu colaborador, ao relatar sobre as festas em homenagem a Caxias assim se reportou:

Como de costume, o hino nacional, cantado com muita vibração e respeito, foi o término magnífico dessa esplendida sessão, cuja concorrência foi enorme, destacando-se na mesa que presidia os trabalhos **os representantes do Sr. Batista Teixeira**, Delegado Especial de Segurança Política e Social, o representante ad associação dos sargentos (...)⁴⁰

A parte da notícia que se reporta a presença dos representantes do Delegado Especial, aparece grifado com o dizer: “não é verdade”, feito provavelmente por alguém

³⁹ Dossiê 23 e 24/08/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ.

⁴⁰ Dossiê 26/08/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ (Grifos do autor).

do DESPS. Em verdade, caso a notícia fosse confirmada, seria uma declaração de apoio do DESPS a Cruzada, que não podemos esquecer, era taxada por boa parte da imprensa de integralista.

Dois dias depois devido a repercussão do episódio, o DESPS é obrigado a se explicar:

Tendo alguns jornais publicados a notícia de que uma solenidade da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa compareceram e tomaram parte na mesa dois representantes da Delegado Especial (...) informamos **não ser verdadeira a referida notícia.**⁴¹

O mesmo procedimento foi adotado internamente, em nota reservada, no mesmo dia, enviada a Lourival Fontes, diretor do DIP, Batista Teixeira comunica:

Tendo alguns jornais desta capital publicado a notícia de que uma solenidade realizada, no dia 26 do corrente, pela “Cruzada Juvenil da Boa Imprensa” compareceram e tomaram parte na mesa dois representantes do Delegado Especial de Segurança Política Especial, Capitão Batista Teixeira, venho, para os devidos fins, **carecer de fundamento tal notícia.**⁴²

A princípio, o que poderia ser para a Cruzada uma demonstração de força, frente ao apoio da Polícia Política à seus eventos, acabou tomando o efeito contrário. Ao negar a presença dos seus representantes, a polícia também negou seu apoio público a essa organização. A partir disso, as notícias vinculadas nos jornais passaram a divulgar a atitude da polícia:

Não houve representantes da Polícia

Um desmentido do Delegado Especial a propósito de uma sessão as Cruzada Juvenil da Boa Imprensa.

Por intermédio do Departamento de Imprensa e Propaganda, o Delegado Especial de Segurança Política contesta a notícia divulgada por alguns jornais de ter-se feito representar numa solenidade realizada a 26 do mês passado pela Cruzada Juvenil da Boa Imprensa.⁴³

Os grupos opositores se valeram deste episódio para lançar uma ofensiva contra a Cruzada, denunciando sua origem e seus objetivos. De toda forma, não foi o meu objetivo averiguar se os representantes do Delegado Especial efetivamente

⁴¹ Documento da Polícia Civil datado de 28/08/1941, Dossiê sem data, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ (Grifos do autor).

⁴² Dossiê 28/08/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ (Grifos do autor).

⁴³ Dossiê 03/09/1941, Pasta 7, Série: Integralismo, APERJ (Grifos do autor).

compareceram à reunião e fizeram parte da mesa da mesma, me concentrei somente na repercussão do fato. A atitude da Cruzada de divulgar o ocorrido e com isso expor abertamente a rede de negociações que mantinha com o DESPS foi um erro estratégico, e lhe custou muito caro. A consequência imediata foi a indisposição da Cruzada com o DESPS, que muito pressionado se viu obrigado a intensificar uma repressão que até então era branda.

Mas um outro fator influiu decisivamente no fechamento da CJBI, a conjuntura internacional. Verificaremos como ocorreram e em que proporção as disputas políticas de âmbito mundial se refletiram nessa entidade.

O ano de 1941 pode ser considerado um típico ano de incertezas, principalmente em se tratando de conjuntura mundial. Em setembro de 1939 se iniciava na Europa um conflito que ganharia amplitude mundial, sobre este, Oswaldo Coggiola assim coloca:

A Segunda Guerra foi simultaneamente um conflito interimperialista (contradições nacionais) e contra-revolucionário (contradições sociais ou de classe) em que a distribuição da União Soviética visava interromper de vez o processo revolucionário iniciado em 1917.⁴⁴

A guerra das nações imperialistas iniciada em 1914 não foi resolvida com o tratado de Versalhes de 1918, a Alemanha derrotada no conflito, também foi a grande prejudicada, este último, *“mutilou o país de diversos territórios, privou-o de suas colônias e impôs uma grande dívida de reparação, ônus que dificultava a sua recuperação econômica”*.⁴⁵

A Segunda Guerra Mundial constitui a continuidade da Primeira Guerra somada com a tentativa coligada dos imperialismos de destruir a revolução nos países europeus. Portanto, nesse conflito se evidencia explicitamente um caráter contra-revolucionário; algo bastante pertinente quando verificamos que a aliança Alemã-Itália-Japão configurada na década de 30 autodenominou-se Pacto Anti-Komintern, referindo-se a expansão do comunismo”.⁴⁶

⁴⁴ COGGIOLA, Oswaldo. Natureza da Segunda Guerra Mundial. In: Coggiola, Oswaldo (org). *Segunda Guerra Mundial: Um balanço histórico*. São Paulo: Xamã, 1995, p. 41.

⁴⁵ MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. A Alemanha no Brasil durante a Segunda Guerra. In: Coggiola, Oswaldo (org). *Segunda Guerra Mundial: Um balanço histórico*. São Paulo: Xamã, 1995, p. 252.

⁴⁶ COGGIOLA, op. cit., p. 41.

Entre os fatores geradores do conflito está o fato deste ter sido a única solução possível para a crise econômica, “*a anexação, à máquina capitalista enguiçada, de um motor artificial (a economia armamentista e, posteriormente, a economia de guerra) será, doravante, uma peça essencial para o funcionamento da economia mundial*”.⁴⁷

O conflito se inicia com a invasão da Polônia, a conseqüente derrota francesa frente à Alemanha e a assinatura do pacto de não-agressão entre a Alemanha e a URSS. Inaugura-se um período de imprevisibilidade, que afetou os países periféricos na ordem capitalista.

A especialidade de 1941 se apresenta na medida que neste ano acontecem mudanças conjunturais no conflito: a Alemanha ataca a URSS e os EUA entram em guerra, até este momento a vitória alemã era incontestável.

Antes do início do conflito a Alemanha demonstrava grandes interesses imperialistas em relação ao Brasil, o regime nazista em vigor desde a década anterior era para muitos nacionalistas um modelo a ser seguido, no caso brasileiro podemos dizer que a Ação Integralista Brasileira foi a que mais adotou fundamentos do paradigma nazi-fascista europeu.

No Brasil os nazistas atuavam basicamente de três maneiras: fomentando organizações de caráter nacionalista, nazificando os alemães que aqui viviam e apoiando economicamente governos com objetivo de obter aliados para o conflito.

Mas o que podemos perceber é que em setembro de 1941 toda essa tentativa de aproximação por parte do governo alemão não estava dando muito resultado. Neste momento, a ligação com o partido nazista era vista com repulsa e as organizações que por ventura fossem verificadas tais ligações, como a CJBI, corriam um sério risco de serem proibidas de funcionar. Por tudo isso o ano do fechamento da CJBI é um divisor de águas, tanto para a Segunda Guerra quanto conseqüentemente para a relação da Alemanha com o Brasil.

Até o momento dois países disputavam uma influência em relação ao Brasil: EUA e a própria Alemanha. Gerson Moura num trabalho do começo da década de 1980 traçou o desenvolvimento da política externa brasileira durante o primeiro período que Vargas esteve no poder. Para este autor, as relações internacionais do período se dividiam em três momentos diferentes: O equilíbrio possível, o equilíbrio difícil e o equilíbrio rompido. Um pouco antes do conflito, o governo nacional-socialista, em

⁴⁷ COGGIOLA, op. cit., p. 42.

preparação acelerada via o Brasil como um importante mercado consumidor e fonte de matérias primas. Para isso, investia em vantagens para o Brasil, como manufaturados a preços baixos e a ampliação do mercado para os produtos primários brasileiros. Percebendo o interesse alemão o governo dos EUA passou a se preocupar mais concretamente com a manutenção e ampliação de sua influência:

A política externa Norte-Americana agia no sentido de eliminar toda a influência do eixo na América Latina, evitar a implementação de políticas nacionalistas por parte de seus aliados subordinados e afirmar sua própria influência no continente, por intermédio de uma ofensiva ideológica, centrada na noção de solidariedade hemisférica e uma ofensiva política, que visava a integrar economicamente e alinhar politicamente os países Latino-Americanos ao seu sistema de poder.⁴⁸

É o início da guerra e o seu desenrolar que vai determinar a quebra do equilíbrio. Com o bloqueio inglês produziu-se o recuo comercial imediato da Alemanha na América Latina, este fato teve como consequência a projeção imediata dos Estados Unidos. É por isso, que, segundo Moura, em 1940 o governo americano “*se sentia à vontade para pedir a iluminação da influência alemã*”, algo que só irá se concretizar de modo oficial em 1942. No meu entender, tomando como base a CJBI, a ruptura se apresenta em 1941 e sendo 1942 a sua consolidação oficial.

Portanto, o que se pode concluir é que a conjuntura internacional influenciou diretamente no processo de fechamento da CJBI, a possível ligação desta organização com o partido nazista foi o suficiente para selar o seu destino, mesmo tendo ela desenvolvido atividades culturais de fins nacionalistas.

A consolidação da proposta Norte-Americana frente a alemã, é um ponto de análise fundamental, pois afetou diretamente as negociações do governo com a CJBI. Este significou a perda de poder político não só da Alemanha, mas de todos aqueles que defendiam suas propostas no Brasil, inclusive a CJBI.

O avanço americano também é crucial para pensarmos a relação de Salgado com Getúlio, já que suas negociações favoreceram a Cruzada. Esta relação interferiu no fechamento da Cruzada?

No Manifesto de Setembro de 1941, Salgado apresenta seu apoio incondicional a Getúlio. Em verdade, o chefe integralista percebendo o distanciamento entre a

⁴⁸ MOURA, Gerson. *Autonomia na Dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 169.

Alemanha e o Brasil objetivava nesse manifesto se sobrepôr a essas negociações, para isso, opta em se agarrar ao nacionalismo (união de todos os brasileiros pelo bem do Brasil), em detrimento dos inspiradores de sua doutrina. Porém, o resultado não foi como o esperado, a aproximação do Brasil significou o seu ainda maior enfraquecimento político e mobilizador. Portanto, a perda desse poder de negociação de Salgado influenciou no desenrolar dos acontecimentos.

Entretanto, apresentada a trajetória da CJBI, do início do seu funcionamento até o seu fechamento, como se desenvolveu a relação da CJBI com o governo Vargas nesse período?

Da sua fundação até a organização dos grandes eventos, a CJBI contou com a complacência do governo, por dois motivos principais: as negociações de Plínio com Getúlio e o conteúdo de seus eventos. Porém, a modificação do panorama mundial, a perda do poder político de Salgado e a modificação ocorrida dentro dessa organização traçaram um outro panorama que desencadeou seu fechamento.

Considerações Finais

Um trabalho de pesquisa com uma vasta documentação, ao mesmo tempo em que proporciona uma ampla escolha para possíveis caminhos, deixa uma sensação que muito se faltou analisar. Contudo, um trabalho de pesquisa que pretendesse esgotar todos os pontos de análise, sobre esse ou qualquer outro tema estaria fadado ao fracasso. É por esse motivo que dentro do tema escolhido optei por privilegiar uma abordagem política, ou seja, a partir da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa busquei um entendimento sobre as disputas entre os diversos grupos políticos no Brasil. Concomitante a isso, também procurei verificar como essa organização se inseria nessa disputa.

Primeiramente, através de elementos que a CJBI me fornecia, mapeei o período do seu surgimento, para por fim responder que fatores levaram os integralistas a fundarem uma organização nos moldes da Cruzada. Nessa perspectiva, entendi que dois fatores, o arrefecimento da repressão e a necessidade de se organizarem, foram fundamentais para essa organização surgir no cenário político nacional.

A seguir, procurei explicar uma polêmica implícita na documentação referente ao caráter da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, ou seja, integralismo ou nacionalismo, o que a caracterizava?

Respondi a essa problemática confrontando os principais sujeitos que produziram versões sobre a CJBI, neste íterim a bibliografia cumpriu um papel primordial, pois, a partir dela relativizei tais explicações. Deste modo, conclui que a Cruzada apresentou-se em seus eventos como uma reorganização dos integralistas, isto é, sujeitos que imputando valores e conteúdos programáticos da extinta AIB organizados em uma nova entidade. Contudo ressalvei a diferença dessa explicação em relação àquela fornecida pela polícia, que delegava a CJBI a condição de reorganizadora, ou mesmo, substituta do integralismo na capital federal. Entendi como equivocada essa versão por compreender que o integralismo (doutrina e partido político) ainda estava ligado a Plínio Salgado, que continuava a ser seu único porta-voz.

Por último, analisei a relação entre CJBI e Estado Novo, procurei entender a maneira na qual se desenvolveu essa relação. Como pano de fundo, também apresentei a trajetória da CJBI, que dividi em três momentos: fundação, expansão e fechamento.

Cheguei a conclusão que ambos períodos foram marcados por uma intensa negociação, apesar do enfraquecimento, o integralismo, ainda mantinha adeptos fiéis, o que para os dirigentes do Estado Novo tinha uma certa relevância, por isso era

concedida ao integralismo uma controlada liberdade de atuação, em troca do apoio incondicional deste para com o Estado Novo. Contudo, percebi que as definições políticas do governo Vargas, no plano internacional, desestabilizaram essas negociações, constituindo-se como fundamentais para o seu fechamento.

Como um todo, esse trabalho me permitiu observar que mesmo organizações pautadas na hierarquização, estavam longe de manter o controle dos sentimentos e aspirações de seus adeptos. A Cruzada Juvenil da Boa Imprensa foi fundada e posteriormente, no início de sua atuação, foi gerida por um grupo de integralistas independentemente das posições políticas de seu chefe, por mais que ele conclamasse ao apoio à Getúlio Vargas, os cruzadeiros partiram de suas próprias experiências e visões sobre a doutrina para decidirem suas posições de apoio ou não à Vargas.

O desenvolvimento dessa pesquisa também contribuiu para o meu entendimento sobre o papel do nacionalismo na sociedade brasileira das décadas de 1930 e 1940. O papel aglutinador e mobilizador do nacionalismo faziam com que diversos grupos, com propostas opostas, disputassem o seu significado. Esses grupos, organizações, partidos políticos queriam estar associados à idéia de defesa do interesse nacional, ou seja, verifiquei que almejavam ser porta-vozes do nacionalismo e por isso disputavam esse posto. Sobre esse ponto, foi revelador perceber que os membros da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa tinham consciência da importância do nacionalismo para a sociedade do período, por esse motivo, também disputaram o seu conteúdo.

Como coloquei, algumas questões não foram abordadas com a devida importância, em parte pela própria limitação de um trabalho de monografia, por certo, algumas escolhas poderiam modificar a estrutura dessa pesquisa. O tema educacional é um exemplo, essa monografia pouco abordou o lidar dos dirigentes da Cruzada com o seu público fim, os jovens. Poderíamos ter nos focado mais para a organização dos jovens cruzadeiros. Também faltou a esse trabalho uma análise mais minuciosa sobre as demais organizações integralista do período, que só citei, no primeiro capítulo, para contextualizar o surgimento da CJBI. Considero essas organizações um vasto campo para uma possível continuação dessa pesquisa, possivelmente a análise dos dossiês dessas organizações modificará meu olhar sobre a Cruzada Juvenil da Boa Imprensa.

Bibliografia

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Totalitarismo e Revolução. O integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

ARENDT, Hannah. *As origens do Totalitarismo: Imperialismo, a Expansão do poder – uma análise dialética*. Rio de Janeiro: Documentário, 1976.

BARROSO, Gustavo. *Brasil, Colônia de Banqueiros*. 3ª Ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

_____. *O que o Integralista deve saber*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

_____. *O Quarto Império*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1935.

CAPELLATO, Maria Helena. Estado Novo: O que trouxe de Novo. In: Org: Jorge Ferreira e Lucilia de Almeida Neves Delgado. *O Brasil Republicano. O Tempo do Nacional- Estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 4 v..

CARNEIRO, Maria Regina da Silva. *Memória e Integralismo: um estudo da militância no Estado do Rio de Janeiro*. UFF, Dissertação de Mestrado, Orientação: Ângela Maria de Castro Gomes, Niterói, 2002.

CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937 – 1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

_____. *A Terceira República (1937-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1976.

CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado: forma da regressividade no capitalismo hiper tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: *Ideologia e Mobilização Popular*. São Paulo, Paz e Terra, 1978.

COGGIOLA, Oswaldo. A Natureza da Segunda Guerra Mundial. In: Coggiola, Oswaldo (Org). *Segunda Guerra Mundial: um Balanço Histórico*. São Paulo: Xamã, 1995.

CRUZ, Natália dos Reis. *O Integralismo e a Questão Racial: a intolerância como princípio*. UFF, Tese de Doutorado, Orientação: Márcia Maria Mota, Niterói,.

CUNHA, Célio da. *Educação e Autoritarismo no Estado Novo*. São Paulo: Cortez, 1981.

DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO PÓS-1930. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2001.

FAUSTO, Boris. A Revolução de 30. in: Carlos Guilherme Mota. *Brasil em Perspectiva*, 10º Ed. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

_____. *A Revolução de 30: historiografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

FERREIRA, Jorge. *Trabalhadores do Brasil. O Imaginário Popular*. 1ª Ed.. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997.

GAMBINI, Roberto. *Duplo Jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Símbolo, 1977.

GARCIA, Nelson Jahar. *Estado Novo. Ideologia e Propaganda Política*. São Paulo: Loyola, 1981.

GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. 2ª Ed.. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

_____. *História e Historiadores: a política cultural do Estado Novo*. 2ª Ed.. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

HANS, Henze. *Sociedade Civil e Sociedade política no Brasil: o Centro Dom Vital e a organização dos católicos leigos (1937-1945)*. UFF, Dissertação de Mestrado, Orientação: Sônia Regina de Mendonça, Niterói, 1995.

HILTON, Stanley. *A Guerra Secreta de Hitler no Brasil. A Espionagem Alemã e a Contra-espionagem Aliada no Brasil, 1939-1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

LENHARO, Alcir. *A Sacralização da Política*. Campinas: Papirus, 1986.

LEVINE, Robert. *O Regime Vargas: os Anos Críticos (1934-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LEX CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1937, P. 330 A 344.

MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. A Alemanha no Brasil durante a Segunda Guerra. In: Coggiola, Oswaldo (Org). *Segunda Guerra Mundial: Um Balanço Histórico*. São Paulo, Xamã, 1995.

MACIEL, Anor Buthler. *Nacionalismo*. Porto Alegre: Globo, 1937.

MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938) In: Ferreira, Jorge (Org): Reis Filho, Daniel Arão (Org): Zenha, C (Org). *O século XX: o tempo das crises, revoluções, fascismo e guerra*. 1ª Ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, V. 1.

MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia Autoritária no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: FGV, 1978.

MENDOÇA, Sonia Regina. *Estado e Economia no Brasil: Opções de Desenvolvimento*. 2ª Ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. Parte B: Estado e Sociedade: a consolidação da República oligárquica. In: Linhares, Maria Yeda (org). *História Geral do Brasil*, 9ª Ed.. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.

MOURA, Gerson. *Autonomia na Dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

OLIVEIRA, Lucia Lippi; VELLOSO, Mônica P.; GOMES, Ângela de Castro. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1982.

PARADA, Maurício Barreto Alvarez. *Educando Corpos e Criando a Nação: Cerimônias Cívicas e Práticas Disciplinares no Estado Novo*. Programa de Pós – Graduação em História Social, UFRJ. Tese de doutorado. Orientadora: Marieta de Moraes Ferreira, Rio de Janeiro, 2003.

PAULO, Heloísa Helena de Jesus. *O D. I. P. e a Juventude no Estado Novo (1939/1945): Análise de uma Ideologia Através do Discurso de um Órgão de Propaganda Estatal*. UFF, Dissertação de Mestrado, orientação: Francisco José Calazans Falcon, Niterói, 1986.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Classes Médias Urbanas: formação, natureza e intervenção na vida política*. Mimeografando: Unicamp, 1974.

REALE, Miguel. *O Estado Moderno: Liberalismo, Fascismo e Integralismo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

SILVA, Hélio. *Terrorismo em Campo Verde (o ciclo Vargas)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

SOLA, Lourdes. O golpe de 37 e o Estado Novo. In: Mota, Carlos Guilherme (Org). *Brasil em Perspectiva*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

SOUZA, Maria do Carmo Campello de. *Estados e Partidos Políticos no Brasil 1930-1964*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

TAVARES, José Nilo. Getúlio Vargas e o Estado Novo. In: Silva, José Luiz Werneck da. *O feixe e o Prisma: Uma revisão do Estado Novo. O Feixe: o autoritarismo como questão historiográfica*. J. Zahar, V. 1, 1991.

TRINDADE, Héglio. *Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974.

TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. *O anti-semitismo na Era Vargas*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

VASCONCELOS, Gilberto. *A Ideologia Curupira: a análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

WEFFORT, Francisco. O Populismo na Política Brasileira. In: *Brasil: Tempos Modernos*. Paz e Terra, 1997.

Obras de referência:

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Os Arquivos das Polícias Políticas: reflexos de nossa história contemporânea*. 2ª Ed.. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1996.

DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO PÓS-1930. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. 8ª Ed. Brasília: Universidade Brasília, 1995.

Fontes Documentais

APERJ (Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro)

Série: Integralismo, Pastas: 7 e 7 cont.

- As pastas são compostas de Dossiês datados de 04/10/1940 à 23/09/1941, no total de setenta e nove.
- Outros Documentos:
 - Carta de Mauricio Limbo de Abreu, Primeiro Vice-presidente da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, endereçada ao Presidente Getúlio Vargas em 02/01/1941.
 - Exposição feita por Plínio Salgado sobre as demarches para o fechamento do Integralismo, dossiê 01/07/1940.
 - Relatório do Cap. Delegado Especial endereçado ao Major Chefe de Polícia datado de 28/12/1940.
 - Relatório de J. Machado Lima, chefe de Segurança Política endereçado a Getúlio Vargas datado de 26/03/1941.
 - Estatuto da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa.
 - Jornal “Gazeta de Notícias”.
 - Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, circular nº 5, 18/07/1941.
 - Carta de Waldemar Pereira Cotta ao Major Floriano P. Keller em 15/08/1941.
 - Jornal “Vanguarda”, sem data, Dossiê 04/09/1941.
 - Circular da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, sem data.
 - Comunicação do Chefe de Sessão de Segurança Social, Seraphim Braga, em 28/07/1941.
 - Circular da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, em 01/08/1941.
 - Circular da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, em 13/09/1941.
 - Documento da Polícia Civil datado de 28/08/1941.

CPDOC (Centro de Documentação e Pesquisa em História Contemporânea do Brasil)

- Pasta GV:
 - Manifesto de Setembro. Lisboa, 07/09/1941.
 - Carta de José Queiroz Moniz endereçada a Raimundo Barbosa Lima em 13/10/1941.

- Carta de Amaro de Souza Carneiro endereçada a Raimundo Barbosa Lima em 17/10/1941.

Documentos publicados

- SALGADO, Plínio. **Integralismo Perante a Nação**. Rio de Janeiro, Livraria Clássica Brasileira S. A, 3º Edição, 1955, p. 155 a 158.

- Carta de Plínio Salgado a Raimundo Padilha datada de 20 de Agosto de 1940.

- CARONE, Edgard. **A Terceira República (1937-1945)**. Rio de Janeiro, Difel, 1976, p. 462 a 465.

- Manifesto de Maio, Folha da Manhã, 16/05/1939.

Locais de pesquisa consultados

- Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Biblioteca da Universidade Federal Fluminense.
- Biblioteca da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.
- Biblioteca Nacional.
- Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia.
- Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.
- Centro de Documentação e Pesquisa em História Contemporânea do Brasil.

ANEXOS



FIGURA 1: Foto da Sessão da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, realizada no Instituto Nacional de Música em julho de 1941. Arquivo Iconográfico Integralismo, nº 7, APERJ.



FIGURA 2: Posse da diretoria da Cruzada Juvenil da Boa imprensa, realizada no Instituto Nacional de Música em 06/10/1940. Estão presentes da esquerda para direita, Manuel

Lopes Rodrigues (1º), Jaime Ferreira da Silva (de óculos escuros), Ten. Cel. Waldemar Pereira Cotta (4º), Gal. Newton Braga (5º), Prof. Lafayette Côrtes (6º), Julio César de Melo e Souza, Mauricio Limbo de Abreu (7º), Maurício Limbo de Abreu (10º). Arquivo Iconográfico Integralismo, nº 13, APERJ.



FIGURA 3: Sessão Magna de Encerramento da Semana Santos Dumont, realizada no Instituto Nacional de Música em 31/07/1941. Arquivo Iconográfico Integralismo, nº 8 APERJ.



FIGURA 4: Comemoração do “Mês de Caxias”, local não identificado em 24/08/1941. Arquivo Iconográfico Integralismo, nº 64, APERJ.



FIGURA 5: Reunião da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, local não identificado em 28/07/1941. Arquivo Iconográfico Integralismo, nº 194, APERJ.



FIGURA 6: Festa da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, Instituto Nacional de Música em 06/10/1940. Arquivo Iconográfico Integralismo, nº 197, APERJ.



FIGURA 7: Sessão Comemorativa do “Mês de Caxias”, Rio da Janeiro, 17/08/1941. Arquivo Iconográfico Integralismo, nº 254, APERJ.



FIGURA 8: Reunião da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, local não identificado. Arquivo Iconográfico Integralismo, nº 257, APERJ.



FIGURA 9: Aspecto da posse da diretoria da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, realizada no Instituto Nacional de Música, 06/10/1940. Arquivo Iconográfico Integralismo, nº 304, APERJ.



FIGURA 10: Mesa dirigente da reunião em comemoração da posse do novo presidente da CJBI, Waldemar Pereira Cotta, realizada no Instituto Nacional de Música. Componentes da mesa: nº 1 Ten. Mangia, nº 2 Ten. Bombeiro não identificado, nº 3 Cap. Mena Barreto, nº 4 Major Antônio Carlos Bittencourt, nº 5 Gal. Newton Braga, nº 6 Ten. Cel. Waldemar Cotta,

nº 7 Cap. Jaime Ferreira da Silva, nº 14 Padre Joel Barbosa. Arquivo Iconográfico Integralismo, nº 314, APERJ.